

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**Relatório de Estágio no Clube Intercultural Europeu:**

**A Tradução de Textos Técnicos e Outros para fins**

**Educacionais**

**Rute Isabel Barrinha Pereira**

**Mestrado em Tradução**

**2015**



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**Relatório de Estágio no Clube Intercultural Europeu:**  
**A Tradução de Textos Técnicos e Outros para fins Educacionais**  
**Rute Isabel Barrinha Pereira**

Relatório orientado por:

Professora Doutora Maria Clotilde Almeida

Mestrado em Tradução

2015



## **Agradecimentos**

A jornada de mais uma etapa acabou e, nela, nem sempre é fácil o caminho que percorremos. No entanto, o gosto pelo que fazemos e o apoio de algumas pessoas são vitais para alcançar a meta que tanto pretendemos. Desta forma, gostaria de agradecer a quem me ajudou a concretizar o meu sonho.

Para começar, gostaria de agradecer à Professora Clotilde Almeida por todo o empenho e dedicação que sempre demonstrou ao longo deste percurso e, como minha orientadora, pela sua sempre imediata disponibilidade e atenção, o que facilitou a realização deste trabalho.

À minha supervisora de estágio no Clube Intercultural Europeu, a Doutora Natália Telega-Soares, também pela sua sempre atenciosidade, dedicação e apoio que me fez crescer e acreditar no meu objectivo.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo e ânimo, bem como pela sua compreensão, respeito pelo meu trabalho e confiança que têm naquilo que faço.

Ao meu avô que, embora não esteja presente, sempre me ensinou e motivou a ir o mais longe possível.

E, finalmente, aos meus pais, porque sem eles não me seria possível concluir este meu alvo. Também pela sua paciência, palavras de alento, motivação, pelos conselhos e por sempre me apoiarem no caminho que quis traçar, permitindo-me que aquilo que almejava fosse conseguido.

## Resumo

O presente relatório tem como finalidade dar a conhecer os problemas que existem em traduções técnicas de espanhol para português. Neste caso em particular, de traduções técnicas para fins educacionais efetuadas durante o estágio curricular no Clube Intercultural Europeu no ano letivo de 2014-2015. Das seis publicações que pude traduzir ao longo do ano letivo, tanto dirigidas a professores como a alunos (crianças e adolescentes), analiso, neste relatório, duas que trabalhei no primeiro semestre: *Manualidades con Materiales de Desecho* e *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*. Serão descritas as diferenças existentes entre o texto técnico (encontrado em ambas as publicações) e o texto literário (encontrado na primeira) e como contornar os obstáculos que cada um deles me impôs. Em *Manualidades con Materiales de Desecho*, texto de carácter instrucional que tem como objetivo primordial a elaboração de trabalhos manuais, está patente terminologia desta área. Na última parte desta publicação, encontramos, também, uma panóplia de poesia infantil. Em *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, por sua vez, encontrei alguma terminologia do campo da sustentabilidade ambiental, pois o texto visa consciencializar os jovens dos problemas do mundo em que vivemos, e, também, interjeições/exclamações que merecem particular destaque quando traduzidas para a língua de chegada.

Ao longo do relatório, para cada uma das publicações, são expostas caixas de texto com diferentes problemas encontrados nas traduções, como por exemplo, falsos amigos, polissemia, empréstimos e metáforas convencionalizadas. A terminologia, os tipos de texto e o público-alvo são as questões predominantes deste trabalho, bem como as soluções de tradução por mim efetuadas. Para além disto, é importante verificar que, apesar da semelhança entre as línguas em análise, esta questão não significa com que não nos deparemos com problemas no ato da tradução. É, precisamente, a parecença do português e do espanhol que induz o tradutor ao erro.

**Palavras-chave:** público-alvo; terminologia; texto literário; tradução técnica; soluções de tradução

## Abstract

This present report aims to show the problems that exist in technical spanish translations into portuguese. In this particular case, the technical translations for educational purposes encountered during the internship in Clube Intercultural Europeu in the school year of 2014-2015. I translated six publications during the school year, directed both teachers and students (children and adolescents) and analyze, in this present report, two of them of the first semester: *Manualidades con Materiales de Desecho* and *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*. It will be described the differences between the technical text (it was found in both publications) and the literary text (it was found in the first one) and how to face up the barriers I've come across in each of them. In *Manualidades con Materiales de Desecho*, an instructional text that aims the elaboration of handmade, it presents terminology of the field of handwork and an array of children's poetry in the last section. On the other hand, *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta* presents some terminology of the field of environmental sustainability, since the text aims to raise awareness among young people about the problems in the world we live in, and interjections/exclamations that deserve particular attention when they are translated into the target language.

Throughout this report, text boxes with different translation problems are presented for each publication, for example, false friends, polysemy, loanwords and conventionalized metaphors. Terminology, text types and target audience are the predominant issues of this work, but also the translation solutions made by me. In addition, it's important to verify that despite the similarity between the languages under consideration we can find translation problems. It's precisely the likeness between portuguese and spanish that misleads the translator.

**Key words:** target audience; terminology; literary text; technical translation; translation solutions

# ÍNDICE

0. Introdução	1
1. Tipologia textual e tradução	2
1.1.1. Textos instrucionais	8
1.2. Texto técnico versus Texto literário	9
1.3. Tradução especializada – questões fundamentais	11
1.4. A dimensão pragmática da tradução – o público-alvo	14
2. Questões de tradução – enquadramento geral	16
2.1 Questões de tradução dos textos técnicos	18
2.1.1. Manual de trabalhos manuais	20
2.1.1.1. Falsos amigos	21
2.1.1.2. Polissemia e Homonímia	25
2.1.1.3. Sinonímia terminológica	29
2.1.1.4. Empréstimos	32
2.1.2. Texto de sustentabilidade ambiental	35
2.1.2.1. Falsos amigos	36
2.1.2.2. Polissemia e Homonímia	39
2.1.2.3. Empréstimos	39
2.1.2.4. Fraseologias	40
2.1.2.5. Metáforas convencionalizadas	41
2.1.2.6. Atos de fala expressivos	46
2.2. Questões de tradução nos Textos literários (público-alvo infantil)	57
2.2.1. Questões de sintaxe	61
2.2.2. Questões estilísticas	63
3. Observações finais	69



Bibliografia	71
Sitologia	74
Anexo	75

## 0. Introdução

O presente relatório, elaborado tendo por base o trabalho realizado no estágio curricular em Tradução no Clube Intercultural Europeu, no ano letivo de 2014-2015, aborda questões de tradução de dois tipos de texto em Espanhol para Português Europeu, a saber: o texto técnico e o texto literário. As questões focadas no primeiro tipo de texto prendem-se, sobretudo, com as dificuldades na tradução de terminologia de textos do foro educacional, uma vez que se trata de uma linguagem especializada. No entanto, para além dos problemas de tradução da terminologia, tem por objetivo outros problemas de tradução que se afiguram particularmente pertinentes:

- Falsos amigos;
- Polissemia e Homonímia;
- Sinonímia terminológica;
- Empréstimos;
- Fraseologias;
- Metáforas convencionalizadas;
- Atos de fala expressivos

No segundo tipo de texto, os problemas de tradução em foco entroncam na tradução de poesia dirigida para um público infantil, sendo que assumem particular relevância questões sintáticas, bem como estilísticas, como por exemplo, a manutenção da rima no texto de chegada em Português Europeu.

O objetivo crucial deste trabalho é o de mostrar como funciona a tradução de textos com fins educacionais, sendo que apenas duas delas são objeto de análise no presente relatório. Neste tipo de textos, para além da necessidade de traduzir os termos especializados da forma mais adequada, também se deve ter em conta o público-alvo, que é constituído, sobretudo, por crianças. Apesar de as questões textuais se afigurarem importantes, parece-nos de maior importância abordar questões decorrentes da proximidade das línguas envolvidas, pois a questão da proximidade linguística pode induzir os tradutores em erro. Desta forma, o presente relatório visa sublinhar que um tradutor que não conheça bem ambas ou qualquer uma das línguas pode facilmente cair

em equívocos quando efetua uma tradução em face da proximidade linguística entre o espanhol e o português.

## 1. Tipologia textual e tradução

Antes de incidir na parte prática do relatório, a saber, dificuldades e problemas que encontrei em duas das publicações que traduzi ao longo do estágio no Clube Intercultural Europeu, será indispensável realizar uma abordagem centrada na questão da tipologia textual.

Ao longo das últimas décadas, vários autores das áreas da Linguística Textual e da Análise do Discurso desenvolveram teorias sobre classificações textuais, referenciando os critérios que as definem. Em Sousa, *As Abordagens Tipológicas dos Textos* (2012)<sup>1</sup>, observamos uma relação desses autores e dos conceitos por eles formulados sobre tipologias textuais.

Tomemos como ponto de referência André Petitjean (professor de Ciências da Linguagem da Universidade de Lorraine, em França), que divide os tipos de texto em três grandes grupos (1989): os enunciativos, referentes a situações enunciativas; os comunicativos ou funcionais, que dizem respeito aos processos de comunicação; e os situacionais, referentes ao domínio social e/ou institucional em que são produzidos os textos. Existe, assim, uma relação estreita entre "tipo textual" e "género textual", "tipo textual" e "situação de comunicação" e entre "tipo textual" e "esfera de atividade humana", o que evidencia que a noção de "tipo textual" brota da relação entre a estrutura textual e o contexto discursivo. Refira-se também outro autor, Marcuschi (linguista brasileiro e professor titular em Linguística na Universidade Federal de Pernambuco), que separa as concepções "tipo textual" e "género textual" (2002), mencionando que, na primeira, está apenas presente a ideia de estrutura definida pelas propriedades linguísticas nela integradas. Marcuschi vê, assim, a tipologia textual como um termo usado para definir uma sequência que é definida pela sua natureza linguística (léxico, sintaxe, tempos verbais e relações lógicas).

Apesar destes desenvolvimentos teóricos mais recentes, foi Jean-Michel Adam (professor de linguística francesa na Universidade de Lausanne, em França) que inovou o conceito de tipologia (1992), referindo-se a estas como sequências textuais que, para ele, dividem-se em cinco: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal,

---

<sup>1</sup> In [www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a16.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a16.pdf)

sendo estas reconhecidas pelos indivíduos no momento da produção e receção dos textos. Uma sequência, para este autor, significa: uma **rede relacional hierárquica** (partes ligadas entre si e ao todo que o constituem) e uma **entidade autónoma com organização interna** (o conjunto amplo que é o texto é organizado em diferentes partes numa relação de dependência-independência). Esta conceção do texto como composto por sequências textuais foi desenvolvida por Adam no princípio dos anos noventa do século XX, tentando que um texto não se afigure monolítico, ou seja, descritivo ou dialogal do princípio ao fim. Um texto descritivo pode figurar sequências narrativas ou, até mesmo, de outra natureza. Sublinha-se, porém, que entre as várias sequências, num texto existem as **sequências dominantes**, e são estas que definem o tipo de texto em presença. Embora um texto possa conter sequências narrativas ou descritivas, será argumentativo se as sequências dominantes forem deste tipo.

De qualquer das formas, uma tipologia textual é uma forma de classificação da multiplicidade de textos que existem, a partir das diferentes características que os diferenciam entre si:

- **Sequência Explicativa:** expõe-se, define-se e explica-se um conjunto de factos e de informações que o leitor desconhecia. Tem, portanto, a explicação como objetivo primeiro. Nesta sequência textual, verifica-se a ocorrência de três fases: o levantamento de um problema, a resposta ao mesmo (explicação) e a sua avaliação (conclusão).
- **Sequência Narrativa:** nesta há um enredo ou história, em que acontecimentos se vão desenrolando de forma sucessiva.
- **Sequência Descritiva:** semelhante à explicativa, esta tipologia (ou sequência, de acordo com Adam) tem por função enumerar, caracterizar e qualificar algo, como, por exemplo, um local. As obras de Eça de Queirós são um bom exemplo de sequências descritivas.
- **Sequência Dialogal:** esta apresenta-se com fórmulas de abertura (por exemplo, “- Olá!”) e fechamento (“- Adeus!”). Entre estas duas fórmulas, existe uma interação efetuada por perguntas e respostas. É uma sequência caracterizada pela interação verbal entre, pelo menos, dois locutores, entre os quais se estabelece algum tipo de cooperação linguística.

- **Sequência Argumentativa:** a sua função é, sobretudo, a de argumentar a favor ou contra algo, mediante o recurso a uma ordem de razões.

Esta tipificação textual foi desenvolvida por Adam em 1992, decorrendo de uma revisão à sua tipologia anterior (de 1987), em que figuravam os seguintes tipos de texto:

- o narrativo;
- o injuntivo-instrucional;
- o descritivo;
- o argumentativo;
- o explicativo-expositivo;
- o dialogal-conversacional;
- o poético-autotélico. (*apud* Brun, *Tipos Textuais e Intertextualidade Genérica*, p. 985<sup>2</sup>).

Sublinha-se que a identificação da tipologia dos textos ou das sequências textuais se reveste da maior importância para a tradução, uma vez que superintende a escolha da terminologia e das construções frásicas usadas. Após enquadrar um texto numa determinada área de especialidade, a saber, literário ou técnico, deve analisar-se as marcas que o caracterizam, a fim de procedermos à sua classificação tipológica mediante análise das sequências que o compõem, tendo em conta a mensagem que pretende transmitir (função textual). O reconhecimento de diferentes sequências textuais permite ao tradutor respeitar e manter, no texto de chegada, as características iminentes do texto de partida.

A sequência explicativa, que é a que mais me interessa analisar neste relatório devido às especificidades das publicações que traduzi (para além das narrativas), tem por base a explicação, que Bassols e Torrent (1996) definem como a atividade que tem como finalidade expor, informar e demonstrar. Ao invés da argumentação, a explicação

---

<sup>2</sup> In [www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_224.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_224.pdf)

é neutra e objetiva, pois não apela à mudança de convicções. O seu principal objetivo prende-se com fornecimento de informação necessária à compreensão de fenómenos ou tarefas. As sequências explicativas podem ser encontradas em textos didáticos, documentos pedagógicos, livros de instruções, mas, também, em textos jornalísticos e, até, mesmo, com menor frequência na publicidade. Gramaticalmente, os textos explicativos utilizam frequentemente tempos verbais no presente, e adjetivos e advérbios que ajudam a explicar e a demonstrar formas de realização de procedimento ou tarefas. Por necessitarem de precisão nas explicações, fazem recurso a terminologia especializada, para que a realização de uma atividade, por exemplo, possa ser mais bem compreendida, como é o caso do texto de trabalhos manuais em análise no presente trabalho. O nível de formalidade pode ser médio ou alto, em face do seu carácter objetivo. Contudo, nos textos que traduzi, o nível de formalidade não pode ser considerado alto, visto o público-alvo ser, em grande parte, constituído por crianças e adolescentes. Bassols e Torrent consideram que sequências instrucionais se inserem nas sequências explicativas. No entanto, esta opinião não é unânime entre os diversos teóricos que refletiram sobre este assunto.

Quanto às sequências narrativas, encontradas na última parte da publicação *Manualidades con Materiales de Desecho*, são as que foram objeto de um maior número de abordagens. Segundo, mais uma vez, Bassols e Torrent (1996), estas são caracterizadas por três aspetos fundamentais:

- Um ator fixo, ou seja, alguém que é considerado importante pelas ações realizadas ao longo da narração e que se transforma durante esta;
- Vários acontecimentos que desembocam num final. Ao longo da narração, deverá haver algo que mude o curso normal das coisas, para que possa haver uma história;
- Avaliação, característica específica da narração e do relato.

Considera-se ainda que são compostas por três fases:

- A situação inicial (o antes);
- A transformação (o processo);

- A situação final ou resolução (o depois).

As sequências narrativas são reconhecidas por terem, ainda, um sujeito, um verbo de ação no passado, um complemento circunstancial de lugar e um complemento circunstancial de tempo. Os verbos no passado podem ser substituídos pelo presente histórico para conferir algum vigor à narrativa.

Relativamente às publicações que traduzi no estágio curricular em Tradução que realizei no Clube Intercultural Europeu, é de sublinhar que os textos são dirigidos a um público-alvo particular: professores e alunos, ou seja, textos para fins educacionais. Ambas as publicações que escolhi analisar no âmbito do presente relatório, a saber, *Manualidades con Materiales de Desecho* e *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, têm marcas características que nos permitem sustentar que pertencem à área da educação, em que se promove o ensino e a consciencialização de algo, quer seja ensinar a execução de trabalhos manuais (na primeira), quer seja a tomada de consciência dos efeitos negativos e positivos das nossas ações no domínio do ambiente. Para tal, ao traduzir, devemos ter em conta a especificidade e a clareza do vocabulário que usamos. Sendo textos que têm um foro educacional, devem ser absolutamente claros na maneira como abordam a informação. Desta forma, é possível concluir que as estratégias que devemos adotar nas traduções são determinadas pelo tipo de texto com que nos deparamos.

De acordo com uma teórica da tradução, Reiss, as tipologias textuais ajudam, de facto, o tradutor a definir a hierarquia dos níveis de equivalência de um texto (Teoria do Escopo, Reiss and Vermeer 1984:156). Reiss distingue também duas formas de categorização dos textos:

- Tipos de texto que são classificados de acordo com a função comunicativa dominante (expressivos, informativos ou operativos);
- Géneros de texto que são classificados de acordo com as suas características linguísticas ou convenções (livros de referência, sátiras, avisos, etc.).

Aqui, os textos informativos são os que mais se adequam às características encontradas nas publicações que traduzi. Assumem-se com uma linguagem clara e



direta, e o seu principal objetivo é o de transmitir informação objetiva sobre factos ou realidades (principalmente, o texto de sustentabilidade ambiental).

### **1.1.1. Textos instrucionais**

Como referido no ponto anterior, os textos que traduzi e analisei no presente relatório inserem-se na área educacional, e, por isso, conclui-se que, para além de explicativos, trata-se de textos instrucionais, pois são escritos com base em instruções. Este tipo de textos tem por objetivo orientar o leitor para um procedimento correto na realização de alguma atividade. Pretendem, sobretudo, ajudar a desenvolver alguma tarefa ou a manusear algum aparelho, no caso dos manuais de utilização de produtos tecnológicos (Nord, 2005). No caso da publicação dos trabalhos manuais que traduzi, recorre-se à explicação da atividade, dividindo-a em processos, sendo acompanhada de uma lista de elementos ou materiais necessários para a sua realização. Para além disto, os textos de carácter instrucional revestem-se de outras características:

- Denotam uma linguagem clara e direta (são textos funcionais, ou seja, apelam à linguagem). Assim sendo, o recurso a verbos afigura-se determinante, pois são estes que representam as ações que se devem realizar. Relativamente aos termos técnicos, os mesmos afiguram-se unívocos.
- Utilizam marcas gráficas, como números, para dispor os diferentes passos a seguir;
- Podem vir acompanhados de gráficos, ilustrações e quadros. Se forem dirigidos a crianças, como é o caso dos textos que traduzi, as ilustrações servem para lhes permitir ter uma melhor compreensão das ações a realizar.

## 1.1. Texto técnico versus Texto literário

A comunicação técnica exige criação, conceção e transmissão de informação técnica, para que o público-alvo a possa entender de forma eficaz e inequívoca (Markel, 2001:4). Isto significa que o que este tipo de comunicação pretende é ajudar o público-alvo a compreender determinada matéria, bem como auxiliá-lo na realização de uma tarefa. Transmitir informação adequada é aquilo que os textos técnicos pretendem, mas a própria informação reveste-se de complexidade porque está destinada a um determinado campo de especialidade e escrita para um grupo de especialistas. Na tradução, devemos, não só, ter em atenção o tipo de texto com que nos deparamos, mas, também, a língua, a cultura e os conhecimentos dos leitores para quem traduzimos. Um dos aspetos que mais distingue os textos técnicos de outros tipos de texto é a terminologia. Esta é especializada, poderá ser complexa para quem não está familiarizado com a área em questão, mas, por outro lado, a especialização deverá caminhar, lado a lado, com a simplicidade e a clareza, para que haja uma boa compreensão e mal-entendidos possam ser eliminados. De acordo com Cavaco-Cruz (2012), os textos técnicos podem ser reconhecidos por seis pontos:

1. Quem os escreve são especialistas de uma determinada área (profissionais e técnicos especializados);
2. Os destinatários também são, igualmente, peritos ou fazem parte do público geral;
3. A comunicação relaciona-se com áreas de especialização, como a indústria, a exploração de recursos naturais e outros, a fabricação de produtos, e a oferta de serviços;
4. A exposição ou a exortação são predominantes como forma de elaboração destes tipos de texto;
5. O meio é descrito;
6. O tema é exclusivamente técnico.

Relativamente às publicações que traduzi, vistos como textos técnicos estão os **guias**, como no caso da publicação *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta* (em português, “Como Viver sem Destruir o Planeta”). Em geral, os guias apresentam descrições, figuras, tabelas e diagramas, procurando explicar de que forma um produto

deve ser usado. Com a sua ajuda, o leitor tem um melhor entendimento da sua utilização. No caso da publicação que traduzi, é um texto instrucional e explicativo na área educacional que procura consciencializar um grupo específico de pessoas (crianças e adolescentes) para a preservação do planeta.

Já a publicação *Manualidades con Materiales de Desecho* (em português, “Trabalhos Manuais com Material Reciclado”) é um bom exemplo de texto instrucional. É profuso em termos técnicos, que visa fornecer de instruções para a produção de artefactos. Existem vários tipos de instruções e, cada um, tem o seu próprio conteúdo, formato e público-alvo. São, da mesma forma, técnicos, devido ao seu vocabulário especializado (neste caso, objetos específicos para a realização de trabalhos manuais) e requerem algum grau de conhecimento sobre a temática de que abordam, quer para os leitores, quer para o tradutor.

De facto, como relata Cavaco-Cruz (2012), a tradução técnica é considerada, por muitos autores, o “parente pobre” da tradução literária. O primeiro é configurado na base de terminologias especializadas, ao passo que o segundo decorre da criatividade e imaginação do autor. Na sua tradução, podem surgir mais dificuldades, pois o uso profuso de figuras de retórica, aliado à maior complexidade textual, pode redundar em múltiplas interpretações dos significados intendidos. No texto técnico, os problemas de tradução podem ser resolvidos, na sua maioria, por recurso a ferramentas auxiliares, como as memórias de tradução ou a tradução automática. A forma e estrutura de um texto literário também se distinguem de qualquer outro tipo de texto pelas suas peculiaridades (como a construção frásica) e forte cunho retórico, assumindo-se como uma obra de arte. Este também é caracterizado pela sua expressividade e marcas que ostentam o cunho individual do escritor, ou seja, o seu estilo pessoal. Como texto literário nas publicações traduzidas, analisarei alguns aspetos de poesia infantil encontrada na última parte de *Manualidades con Materiales de Desecho*.

## **1.2. Tradução especializada – questões fundamentais**

Hoje em dia, a terminologia está no centro das atenções devido à sua importância nos desenvolvimentos científicos e tecnológicos na sociedade. Assim sendo, encontram-se informações codificadas em termos ou unidades especializadas que são de grande importância para o tradutor (Silva, 2014). Assim sendo, uma linguagem especializada é:

“Um subsistema constituído por um léxico especializado que integra o sistema geral da língua, sendo este subsistema um reflexo da organização cognitiva e conceptual de áreas científicas, um meio de expressão e de comunicação de conhecimentos especializados” (Contente, 2008: 29 *apud* Rocha, 2013: 43).

Este léxico especializado está associado a áreas específicas do saber, uma vez que, segundo Contente (2008: 24) *apud* Rocha (2013: 43) os termos especializados:

“São utilizados por actores num meio socioprofissional, em situações de comunicação especializada, veiculados em diferentes tipos de discursos especializados”.

Esta conceção vai de encontro à definição de Correia (2005:1) que preconiza que termos são unidades lexicais que se constituem de significados específicos em discursos especializados. São esses significados que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos (Rocha, 2013: 44).

No entanto, um dos mitos sobre a tradução técnica diz respeito, precisamente, à terminologia. Muitos são os que dizem que a tradução especializada não requer esforço para além da escolha correta do termo correto por parte do tradutor. No entanto, embora seja verdade que a escolha do termo é dos aspetos mais importantes neste tipo de textos, o estilo do texto também não pode ser esquecido, a fim de que o texto seja coeso e coerente. Desta forma, o tradutor também deverá preocupar-se com questões de natureza estilística (Byrne, 2006), pois o texto técnico não se destina unicamente a transmitir informação especializada. Transmite-a, sim, mas também com a preocupação a divulgar da maneira mais adequada, para que possa ser inteligível aos leitores. Esta afirmação é corroborada estatisticamente por Newmark (1988), citado por Byrne

(2010:3), que estima que a terminologia se resume a aproximadamente 5 a 10% das palavras de um texto técnico.

No respeitante à questão do estilo neste tipo de textos, há quem defenda que os tradutores não têm nem necessitam de ter as mesmas capacidades linguísticas dos tradutores de textos literários. Porém, Zethsen (1999), citado em Byrne (2006), refere que o estilo não é apenas a marca estética para impressionar o leitor, mas, sim, o modo de escrita. Visto desta perspetiva, o texto técnico também terá o seu estilo, pois é construído com base na ordem e encadeamento de frases que, como mencionado antes, pretendem transmitir e dar uma informação clara. Maillot (1975) *apud* Durão (2007) acredita, precisamente, que a tradução científica e técnica requer um equilíbrio entre “conhecimentos técnicos e conhecimentos linguísticos”, e que este tipo de tradução exige precisão e rigor, conforme postulado por Cavaco-Cruz:

“Para que isso seja possível, tem de se investigar bastante sobre cada uma das áreas em questão, quer ao nível da terminologia, quer ao nível das estruturas sintáticas. Cada uma destas áreas poderá ter estilos muito próprios de escrita, e compete ao tradutor técnico saber em detalhe cada um destes estilos e particularidades, quer da língua de chegada quer da língua de partida.” (Cavaco-Cruz, 2012)

Assim sendo, a tradução especializada terá de conseguir procurar, da mesma forma, essa qualidade textual para apresentar as melhores soluções linguísticas na língua de chegada. Quanto aos conhecimentos técnicos, é dito que os tradutores técnicos devem ter conhecimento aprofundado de, pelo menos, uma área técnica (Cavaco-Cruz, 2012). Para Byrne (2006), é também essencial que o tradutor possua uma boa capacidade de pesquisa, sendo que não deve optar pelas primeiras equivalências que lhe aparecerem no decurso da mesma. Pesquisar um termo em diferentes lugares, a saber, dicionários em suporte de papel, dicionários *online*, corpora paralelos, entre outros, é um bom método para se conseguir uma boa tradução.

Para Newmark (1988), a tradução técnica é, ainda, não-cultural, pois aquilo que é dito no texto original não está associado diretamente a uma dada cultura. Desta forma, os termos são apenas traduzidos. Não necessitam de ser transferidos e adaptados a outra realidade cultural e linguística.

Quanto à gramaticalidade dos textos técnicos, verifica-se uma forte tendência para usar os tempos verbais no presente, utilizar a terceira pessoa e recorrer à

nominalização. Se os textos originais se regem, normalmente, por estes princípios, a sua respetiva tradução também terá de seguir as mesmas regras, adequadas à língua de chegada.

Para Byrne (2006) também é importante a dimensão pragmática do texto técnico como, aliás, constatei na minha tradução de *Manualidades con Materiales de Desecho*, uma vez que tende atender às necessidades do público-alvo, recorrendo a um estilo claro e direto.

No caso das publicações que traduzi, e que estão em análise no presente relatório por serem do tipo instrucional, a tradução deverá ser realizada pensando, especialmente, no público-alvo, pois, o que se pretende, é transmitir informação instrucional, e, para isso, é essencial que o tradutor seja claro e conciso na maneira como traduz, da mesma forma que o autor da língua de partida quando escreveu o texto original. Para outro autor, Gopferich (1993), citado por Byrne (2006), nestas traduções até poderá ser recomendável acrescentar informação ou omiti-la, se isso for necessário, para melhor compreensão do público-alvo da língua de chegada. Tal pode envolver alterações à formulação e estrutura do texto. É necessário sublinhar que, nas traduções técnicas, a compreensão do público-alvo é essencial, dada a função principal dos textos especializados: a de transmitir uma mensagem de forma clara, sendo, sobretudo, comunicativos e informativos.

### **1.3. A dimensão pragmática da tradução – o público-alvo**

Como já foi referido nos pontos anteriores, o público-alvo é uma das dimensões mais importantes quando se escreve um texto e, consequentemente, nas suas traduções. Num texto, há que dedicar atenção à parte comunicativa e à forma como a mensagem é transmitida: será que aquilo que pretendo comunicar é explícito para os leitores? O que já sabem sobre este tema? Estas são duas das perguntas que o tradutor deve fazer a si próprio quando efetua uma tradução. A comunicação centra-se no ato de enunciação: um enunciado é produzido através da intenção comunicativa do locutor face a um alocutário. Assim, não basta conhecer as palavras que são proferidas, sendo que também é importante entender com que intenção estas são ditas num determinado contexto comunicativo. Desta forma, quer o conhecimento do valor semântico das palavras e das frases quer o seu significado pragmático, é de máxima importância para o tradutor. Isto significa que a comunicação envolve os pensamentos e que é um processo em que dois mecanismos de processamento de informação entram em ação: o falante (o primeiro) modifica o ambiente físico do ouvinte (o segundo), sendo que este deve construir representações semelhantes às do primeiro. Quanto ao objeto da comunicação, este pode constituir-se como significados, informações, proposições, pensamentos, ideias, crenças e emoções. Assim, em tradução, a eficácia comunicativa é a produção de enunciados na língua de chegada tão eficazes, do ponto de vista informativo, como na língua de partida, o que requer escolhas léxico-conceituais pragmaticamente adequadas: ajustadas à intenção dos falantes, ao interlocutor e ao contexto situacional, tendo sempre em conta que o significado linguístico possui uma aceção extralinguística.

Portanto, de acordo com o já mencionado, ao traduzirmos devemos perceber com que tipo de texto estamos a trabalhar, para que a tradução possa fazer jus às características do seu público-alvo, como idade, sexo, educação ou ambiente sociocultural. Por exemplo, para um público mais jovem, o que acontece nas publicações que analisarei neste relatório, deve optar-se por palavras ou frases acessíveis a um público juvenil. Assim, o texto torna-se mais fácil e menos moroso na leitura, tendo em conta a sua idade. Se, por outro lado, o texto é dirigido principalmente a adultos, a escolha de palavras e de frases terá de elevar o nível de complexidade frásica e textual.

Para além de se adequar o texto ao fator idade, também se adapta a escrita ao género literário ou tipo textual. Isto significa que, no traduzir um romance, não o devo fazer de forma igual a quando escrevo ou traduzo literatura fantástica. Da mesma forma, um texto técnico de carácter instrucional com terminologia especializada e com a intenção primária de ensinar, também não pode ser escrito ou traduzido da mesma maneira que um texto unicamente literário, onde a dimensão narrativa, estilística e imaginativa é a que predomina (contar uma história, com personagens e acontecimentos sucessivos), embora se tente conciliar a facilidade com os termos e conceitos de determinada área do conhecimento, respondendo às características dos leitores em questão.



## 2. Questões de tradução – enquadramento geral

No decorrer do estágio no Clube Intercultural Europeu tive a oportunidade de traduzir de espanhol para português seis publicações que têm, como principal objetivo, educar crianças e adolescentes nas mais diversas áreas. De igual forma, também servem de apoio a professores:

1. *Aprendizaje Cooperativo* (“Aprendizagem Cooperativa”<sup>3</sup>, em português). A primeira publicação que traduzi tinha, como tema principal, as novas metodologias para a aprendizagem, como o trabalho em equipa, que se considera essencial na prática educativa com crianças;
2. *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta* (“Como Viver sem Destruir o Planeta”<sup>4</sup>). Este texto, considerado como um **manual** ou **guia** para jovens, educa-os, sobretudo, para a questão da sustentabilidade ambiental e preservação da qualidade de vida do mundo em que vivemos. O foco temático centra-se no que se deve fazer para poupar energia, evitar o desperdício de papel, entre outras coisas;
3. *Educando en Igualdad* (“Educando para a Igualdade”<sup>5</sup>). Esta publicação alerta para a questão de igualdade entre homens e mulheres, ou entre rapazes e raparigas, de acordo com a idade do público-alvo. Através de exercícios, a publicação ajuda as crianças a respeitarem o sexo oposto.
4. *Manualidades con Materiales de Desecho* (“Trabalhos Manuais com Material Reciclado”<sup>6</sup>). Dividida em três partes, a publicação é dirigida a professores e crianças do ensino pré-escolar. Na primeira parte, aprendem a realizar alguns trabalhos manuais, na segunda, as crianças mergulham na matemática através de jogos matemáticos, e, a terceira e última parte, é dedicada à poesia infantil.
5. *Leer para Aprender* (“Ler para Aprender”<sup>7</sup>). A última publicação traduzida no primeiro semestre apresenta-se como um manual que ajuda docentes, famílias e estudantes a aprender e a ensinar quatro competências fundamentais na escola: ler, escrever, falar e compreender.

---

<sup>3</sup> Minha tradução.

<sup>4</sup> Minha tradução.

<sup>5</sup> Minha tradução.

<sup>6</sup> Minha tradução.

<sup>7</sup> Minha tradução.

6. *Aprendizaje Invisible* (“Aprendizagem Invisível”<sup>8</sup>). No segundo semestre, foi traduzido este texto que incita, sobretudo, à introdução das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) na aprendizagem em sala de aula.

No entanto, e como já mencionado em pontos anteriores do relatório, apenas analisarei, no presente relatório, duas das publicações acima destacadas por as considerar mais pertinentes no respeitante a questões de tradução, bem como de tipologia textual, a saber, *Manualidades con Materiales de Desecho* e *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*.

Na primeira, assumem particular relevância os problemas surgidos com base na terminologia, concretamente terminologia respeitante, tal como o título indica, aos materiais utilizados para a sua manufatura. Para além disto, a publicação circunscreve-se a dois tipos de texto: técnico e literário, cuja diferença é relevante para análise. Na segunda, julguei interessante referir as inúmeras interjeições/exclamações com que me deparei ao longo da tradução, além do léxico especializado e do fator público-alvo que é determinante na construção do texto. Outros aspetos a serem analisados, mediante o recurso a caixas de texto, contemplam problemas de tradução, pois podem levar facilmente ao erro, nomeadamente: falsos amigos, polissemia, empréstimos e metáforas convencionalizadas. Estas são as questões a serem abordadas na análise dos textos técnicos. Quanto ao texto de poesia infantil, a minha análise incide sobre questões de ordem sintática e estilística, especialmente sobre a questão da rima, que reputo como fundamentais na tradução do texto literário.

A tradução, em si, também é feita de acordo com as regras que lhe exigem um determinado tipo de texto. Neste caso, ambas as publicações destinam-se a agentes educativos. Os textos educacionais ou didático-instrutivos têm como objetivo final dar instruções e ajudar os leitores a desempenhar uma tarefa. A motivação e o incentivo são aqui usados como forma de levar o leitor a agir, ou seja, a iniciar e a finalizar uma determinada tarefa, tendo por base materiais à sua disposição.

---

<sup>8</sup> Minha tradução.

## 2.1 Questões de tradução dos textos técnicos

Por ambas as publicações apresentarem quase as mesmas características, alguns dos problemas encontrados são semelhantes. Antes de partir para a análise terminológica dos textos, há uma questão importante de ser referida:

Tabela 1 (*Manualidades con Materiales de Desecho*)

Texto original	Tradução
“ <b>Se recorta</b> el plato por la línea señalada y <b>se pinta</b> con témpera” (p. 2)	“ <b>Recortar</b> o prato pela linha marcada e <b>pintar</b> com os guaches”
“Sobre el plato <b>señalamos</b> con rotulador el círculo interior y las dos orejas” (p.2)	“No prato, <b>delimitar</b> o círculo interior e as duas orelhas com o marcador”
“ <b>Enhebramos</b> unos pocos metros de lana y perforamos sucesivamente las castañas y los cilindros dejando tramos de unos 25 cm. Después los <b>cortamos</b> y les <b>hacemos</b> un nudo a las castañas y al cilindro” (p. 3)	“ <b>Enfiar</b> na agulha alguns metros de lã e perfurar sucessivamente as castanhas e os rolos, deixando um fio entre eles com cerca de 25 cm. Depois <b>corta-se</b> o fio e, dando um nó em cada extremidade, <b>liga-se</b> a castanha ao rolo”
“ <b>Se pican</b> o <b>recortan</b> las flores y <b>se les pega</b> por detrás con fixo o silicona caliente la parte superior de las pajitas” (p. 5)	“ <b>Picotar</b> ou <b>recortar</b> as flores e <b>colar</b> , por detrás delas, a parte superior das palhinhas com fita adesiva ou cola quente de silicone”
“ <b>Fotocopiamos</b> esta plantilla en papel de color” (p. 5)	“ <b>Fotocopia-se</b> o modelo em papel colorido”
“ <b>Forramos</b> las cajas con papel pinocho verde o papel de embalar verde, dejando libre una de las caras pequeñas de la caja” (p. 6)	“ <b>Forrar</b> as caixas com papel crepe ou de embrulho verde, deixando em branco uma das faces pequenas das caixas”

“ <b>Tapamos</b> los envases con un trozo de globo estirado que <b>sujetamos</b> a la boquilla con cordón elástico” (p. 7)	“ <b>Tapam-se</b> as garrafas com uma parte de um balão esticada que <b>se prende</b> nas bocas com linha elástica”
“Si <b>optamos</b> por la plastilina, <b>hacemos</b> una bola grande que <b>aplastaremos</b> sobre la mesa con plastilina de color y dos bolas pequeñas blancas para los ojos” (p. 8)	“Se <b>se optar</b> pela plasticina, <b>fazer</b> uma bola grande amassando-a em cima da mesa da cor que se pretender e duas bolas pequenas brancas para os olhos”
“Para las pupilas <b>usamos</b> dos bolas pequeñas que introducimos en los ojos y para la boca un “fideito” de plastilina blanca que <b>aplastamos</b> sobre la cara” (p. 8)	“Para as pupilas, <b>usar</b> duas bolas pequenas que colocar-se-ão naqueles e, para a boca, um “palitinho” de plasticina branca que se aplicará na cara”
“Sólo <b>nos queda</b> pegar los elementos con cola o silicona caliente, colocándole la pluma detrás de los ojos” (p. 8)	“ <b>Por último</b> , colar todos os elementos com cola ou cola quente de silicone, colocando a pena por trás dos olhos”

Esta tabela dá conta de algumas das instruções plasmadas no manual de trabalhos manuais. Como se pode constatar, em espanhol, a estrutura sintática dos textos instrucionais (as regras) é caracterizada, sobretudo, pela construção impessoal “se recorta”, “se pican”, etc. Noutros exemplos, também vemos a ocorrência da primeira pessoa do plural “fotocopiamos”, “si optamos”, entre outros. No entanto, na tradução para Português Europeu, decidi optar, na maioria das vezes, pela forma infinitiva “recortar”, “picotar”, e, noutros casos, também pela construção impessoal “corta-se”, “fotocopia-se”, etc. Estam foram as minhas escolhas de tradução, dado serem as convenções estilísticas mais usadas nos tipos de texto instrucionais em português, como por exemplo, os manuais de utilização. Por vezes, é necessário modificar as propriedades linguísticas e estilísticas do texto de partida, para que o texto de chegada se adeque às suas próprias convenções culturais e de género.

Na página seguinte, partirei para a parte prática do meu trabalho: a análise das questões que mais me suscitaram dúvidas e criaram dificuldades na tradução.

### 2.1.1. Manual de trabalhos manuais

A publicação *Manualidades con Materiales de Desecho* é um texto de carácter predominantemente instrucional em espanhol, dirigido a alunos e a professores do Ensino Pré-Escolar. No entanto, a última parte é marcada pela narrativa retórica/poética.

Numa primeira parte, estão os trabalhos manuais (pág. 2 à 23). São dadas instruções para se fazer máscaras, objetos como porta-canetas, vasos, maracas, entre outros; a segunda parte (pág. 25 à 36) é dedicada aos jogos matemáticos, em que são enumerados os materiais necessários para os realizar, as regras dos mesmos, as várias possibilidades de serem jogados, bem como perguntas que os professores poderão fazer para orientarem os alunos e desenvolverem o seu pensamento; na terceira e última parte da publicação, estão as poesias infantis, em que, nalgumas, houve uma recorrência à alteração de certas palavras e ordem sintática de versos para que rimas se mantivessem e não fossem eliminadas no texto alvo.

Para traduzir, recorria a pesquisas na Internet, consultando dicionários bilingues *online*, como o WordReference, Porto Editora e os *corpora* paralelos do Linguee. Por vezes, para certificar-me das minhas escolhas em português, sobretudo terminologia, também consultava dicionários de português *online*, como o Priberam, o *site* da Wikipédia (que serve, de igual forma, como corpus paralelo) e especifiquei as minhas pesquisas marcando, no Google, como ponto de referência, “páginas de Portugal”, para que não houvesse equívocos entre o Português Europeu e o Português Brasileiro. Estas eram relevantes, pois alguns recursos (como a Wikipédia e o Linguee), por vezes, carecem de fiabilidade. Quanto ao dicionário bilingue *online* WordReference, este apenas apresenta equivalências em português do Brasil. As pesquisas na Internet davam-me a conhecer se uma determinada terminologia ou expressão existia verdadeiramente ou se se encontravam em *sites* oficiais e de confiança.

Como referido anteriormente, apesar de não ser fiável a cem por cento, recorri inúmeras vezes ao Linguee, pois, por ser um *corpus* paralelo capaz de pesquisar uma multiplicidade de ocorrências em mil milhões de textos bilíngues<sup>9</sup>, o que me ajudou a seleccionar a opção de tradução correta.

---

<sup>9</sup> Informação encontrada no *site* do Linguee, em “Sobre o Linguee” (<http://www.linguee.pt/portuguese-ingles/page/about.php>)

### 2.1.1.1.Falsos amigos

O termo **falsos amigos** ou **falsos cognatos** é um termo coloquial usado em linguística para referir os signos linguísticos que partilham a mesma etimologia e, conseqüentemente, apresentam formas idênticas ou semelhantes, mas detêm significados diferentes (Vaz da Silva e Vilar, 2003 *apud* Rocha, 2013: 89). Assim sendo, uma proximidade formal de um termo ou expressão a nível ortográfico nas duas línguas não tem correspondência semântica. Em línguas tão similares como o português e o espanhol, estas semelhanças formais (sintáticas, morfológicas ou lexicais) podem levar um tradutor desatento ou inexperiente a cometer erros de tradução. De facto, a afinidade entre estas línguas é crucial na minha análise. Não se pode dizer que entre línguas que não tenham tão estreitas afinidades históricas não existam falsos amigos, mas, sem dúvida, que quanto maior a afinidade e as semelhanças, maior será a percentagem de falsos amigos (Ceolin, 2003 *apud* Lukešová, 2012). Lukešová (2012) ainda acrescenta que as maiores dificuldades na tradução de espanhol para português e vice-versa prendem-se com “as diferenças entre a organização gramatical, a estrutura semântica e a polissemia das palavras das duas línguas”.

Vaz da Silva e Vilar (2003), *apud* Rocha (2013: 90), por sua vez, classificam os falsos amigos como:

- **Totais** – palavras cuja semelhança abrange a oralidade e a escrita, e quando há um conflito semântico nas primeiras aceções de cada uma delas.
- **Parciais** – palavras cuja semelhança incide apenas na oralidade ou na escrita. Há um confronto entre significados secundários das mesmas.

Já Contente (2008), *apud* Rocha (2013: 90), refere que os falsos amigos se dividem em: falsos amigos semânticos, falsos amigos estilísticos e falsos amigos fraseológicos.

Para que se evite cair no erro, os tradutores deverão ter um conhecimento profundo de ambas as línguas de trabalho, a saber, a de chegada e a de partida. Relativamente às publicações que traduzi, sendo a minha língua materna o português, é

provável interferência desta ao traduzir do espanhol. No caso desta primeira publicação que irei analisar, *Manualidades con Materiales de Desecho*, texto de carácter instrucional em que a terminologia é determinante, há, por vezes, a percepção de que as palavras são as desadequadas à compreensão da mensagem no texto de partida.

## Análise

2)

Termo original	Tradução	Revisor
“Después lo calcamos en cartulina, recortando el contorno y <b>agujereando</b> en los puntos indicados.” (p. 31)	“(…) depois, decalca-se em cartolina, recortando o contorno e <b>furando</b> nos pontos marcados.”	

*Agujereando* foi um termo cujo significado foi fácil de encontrar em Português Europeu. No WordReference, Porto Editora (2001), bem como no Linguee, o equivalente em Português Europeu era *furar*. Porém, não quis deixar de fora o termo, pois em português também existe *agulhar*, que significa, segundo o Priberam, “picar com agulha”. Contudo, como esta palavra é raramente usada, optei por *furar*.

3)

Termo original	Tradução	Revisor
“Pintamos el cilindro de cartón con <b>témpera</b> verde” (p. 6)	“Pintar o rolo de papel com a <b>aguarela</b> verde”	“Pintar o rolo de cartão com <b>guache</b> verde”

Neste exemplo, mais uma vez, poderá haver um equívoco de termo em face da existência de falsos amigos. O termo *témpera* existe em Português Europeu, mas como

uma técnica de pintura, não como uma tinta. No entanto, a minha primeira tradução tinha sido *aguarela*, sendo que a supervisora local a corrigiu pela opção certa, a saber, *guache*. De facto, estas duas palavras podem criar confusão, porque ambas são tintas e solúveis em água, mas com uma pequena diferença: a *aguarela* é transparente e fina (cria um melhor trabalho) e o *guache* é opaco (o trabalho é menos bom relativamente ao anterior)<sup>10</sup>.

#### 4)

Termo original	Tradução	Revisor
“Fotocopiamos estas imágenes en <b>folios</b> y las recortamos” (p. 22)	“Fotocopiar estas imagens em <b>folhas brancas</b> e recortá-las”	

Enquanto em português existe apenas a palavra *folha*, em espanhol existem duas palavras: *folio* e *hoja*. A primeira é mais concreta e remete unicamente para uma folha de papel, de um livro ou caderno (esta sem ser com linhas ou quadriculada. Por isso, traduzi-a como *folha em branco*) e, a segunda, para uma folha de papel ou de uma planta. No entanto, poder-se-ia cair no equívoco de se traduzir como *fólio*, porque a palavra, com acento agudo, em português, também existe. A diferença reside no facto de, na nossa língua, *fólio* se referir à folha de um manuscrito, portanto, escrita.

#### 5)

Termo original	Tradução	Revisor
“Tijeras o <b>punzones</b> , pinceles, fixo o silicona caliente” (p. 5)	“Tesouras ou <b>punções</b> , pincéis, fita adesiva ou cola quente de silicone”	“Tesouras ou <b>picos de picotar</b> , pincéis, fita adesiva ou cola quente de silicone”

A tradução de *punzones* afigura-se como mais um caso de falsos amigos, para cuja tradução contei com a sugestão da supervisora local. De facto, em português, existe

<sup>10</sup> Informação retirada de: <https://prezi.com/mshiv4rwmvka/tempera-guache-e-aquarela/>



a palavra *punções*, mas não com o significado que se pretende na temática de trabalhos manuais. Neste exemplo, recorri à Wikipédia para procurar a definição do termo nas duas línguas (“punção” é a palavra apresentada na página traduzida para português). Depois da correção feita pela revisora e de uma pesquisa no Google, pude constatar que, sem dúvida, *picos de picotar* era a opção mais acertada, pois este termo aparece em vários *sites* de compra de produtos para escritório, como o Real Office<sup>11</sup>, onde figura, inclusive, numa secção com o nome de “Escolar e Trabalhos Manuais”. Depois, também, de consultar o dicionário da Porto Editora (2001), verifiquei que, realmente, a sua primeira definição remetia para um “instrumento pontiagudo para puncionar, gravar ou furar.” Desta forma, comprova-se que a minha opção inicial de tradução não estava correta, pois, o termo *punção*, ilustrado na figura 1, é um instrumento de medicina. Deste modo, a visualização de imagens também me ajudou a constatar que os dois objetos, punção e picos de picotar, não são, de facto, a mesma coisa.



Figura 1. Punção<sup>12</sup>



Figura 2. Pico de picotar<sup>13</sup>

<sup>11</sup> <http://www.realoffice.pt/?pagina=Artigo&id=19765>

<sup>12</sup> Imagem retirada de: <http://www.lojadomecanico.com.br/imagens/2/495/77755/Puncao-de-Centro-10-mm-robust-371-5-1.JPG>

<sup>13</sup> Imagem retirada de: <http://www.realoffice.pt/images/artigos/19765g.jpg>

### 2.1.1.2. Polissemia e Homonímia

Os conceitos de **Polissemia** e **Homonímia** são, muitas vezes, objeto de alguma confusão. De facto, têm quase a mesma aceção, mas diferenciam-se num aspeto, conforme Raposo *et al* (2013: 192-193):

- Polissemia – uma palavra é considerada polissémica quando apresenta vários significados. No entanto, estes significados são relacionáveis entre si. Nesta, o significado básico ou primeiro de uma palavra origina significados derivados: princípio semântico-referencial;
- Homonímia – duas palavras são homónimas quando possuem a mesma forma fonética e gráfica, mas os seus significados são diferentes e não se podem relacionar.

Um dos critérios usados para se diferenciar os conceitos de homonímia e polissemia é tentar aceder à história da palavra. Palavras homónimas têm a mesma forma e origens etimológicas diferentes, convergindo apenas na sua forma fonética. Por exemplo, *manga*, como parte de uma peça de vestuário, vem do latim *manica*, e manga, sendo o fruto da mangueira, tem origem no malaiala *manga*. No âmbito da homonímia, podemos distinguir a **homonímia parcial** e a **homonímia absoluta**. A primeira diz respeito a palavras homónimas não pertencentes à mesma classe (por exemplo, *foca* do verbo *focar* e *foca* como nome de um animal). A segunda refere-se a palavras que pertencem à mesma classe (por exemplo, à classe dos nomes), mas que apresentam significados diferentes.

Quanto à polissemia verbal, decorre, fundamentalmente, da extensão do significado por **metáforas** e **metonímias**. Nas metáforas há transferência de sentido por semelhança, como é o caso da luz do sol, associada a um sentimento de alegria. Assim, podemos dizer que um sujeito é a “luz” de alguém, ou seja, a felicidade de outra pessoa. No caso da metonímia, forma-se um novo sentido por contiguidade, como por exemplo

na expressão “beber um copo”, em que “copo” adquire um novo sentido por contiguidade com a bebida que o contém. Da mesma forma, também nos dicionários estas palavras são tratadas de maneira diferente. Quando uma palavra é polissêmica há, apenas, uma entrada, sendo esta numerada e sequenciada com os seus vários sentidos. Nos casos de homonímia, os dicionários separam as entradas e enumeram-nas, para sublinhar a distinção entre as palavras, pois os seus sentidos são diferentes, apesar de se lerem e escreverem de igual maneira.

Seguidamente, partirei para a análise de alguns termos que se encaixam nestes dois conceitos.

## Análise

6)

Termo original	Tradução	Revisor
“En lugar de la caja de zapatos podemos utilizar <b>corcho</b> blanco de 5 o cm de grosor (...)” (p. 6)	“Em vez da caixa de sapatos, pode utilizar-se <b>esferovite</b> branca de 5 ou 6 cm de grossura (...)”	
“Bandejas de <b>corcho</b> blanco” (p. 9)	“Cuvetes de <b>esferovite</b> branca”	
“Una bola de <b>corcho</b> blanco (...)” (p. 9)	“Uma bola de <b>esferovite</b> branca (...)”	
“Se colorean los dibujos y se pegan sobre el trozo de <b>corcho</b> blanco” (p. 22)	“Pintar os desenhos e colá-los num pedaço de <b>esferovite</b> ”	“Pintar os desenhos e colá-los no retângulo sobran- te do recorte da cuvette de <b>esferovite</b> ”

Nestes exemplos, a minha opção de tradução de *corcho* foi de *esferovite*. Após ter feito uma pesquisa no Google e de ter visto as imagens que apareciam, bem como de

ter consultado um documento *online*<sup>14</sup> em PE que era, precisamente, um catálogo de embalagens (no caso das cuvetes de esferovite brancas), apercebi-me de que este era o termo adequado a ser traduzido.

Porém, esta palavra suscitou-me algumas dúvidas, pois, em espanhol, *corcho* também pode significar, em português, *cortiça* e *rolha*, formado por metonímia a partir de cortiça. Assim sendo, estamos perante palavras homónimas (apesar de a aceção de *rolha* não ter aparecido nesta publicação) e, ao mesmo tempo, polissémicas, emboratambém o termocortiça não tenha figurado no texto a traduzir. De facto, estamos perante um caso de homonímias porque *rolha* e *esferovite* denotam significados diferentes, não relacionáveis entre si, e, por outro lado, de palavras polissémicas, pois *rolha* e *cortiça* apresentam as mesmas características (a rolha é feita de cortiça), e, por isso, os seus sentidos estão relacionados. Contudo, apercebi-me de que esta diferenciação pode ser melhor entendida se a palavra for seguida, neste caso, pelo adjetivo *blanco* (*corcho blanco* – expressão fixa – *esferovite*, em português) ou pelo substantivo *tapón* (*tapón de corcho* – expressão fixa – *rolha*, em português). Assim, constata-se que, apesar das dúvidas que me surgiram no momento da tradução deste termo, as expressões fixas são determinantes para excluir outras hipóteses, como *corcho verde*, termo encontrado noutra parte do texto.

## 7)

Termo original	Tradução	Revisor
“ <b>Corcho</b> verde (del que se usa para las flores)” (p. 5)	“ <b>Cortiça</b> verde (usada para as flores)”	“ <b>Esponja floral</b> verde (usada nas floristas)”

Como se pode verificar, a tradução de *corcho verde* foi corrigida, posteriormente, pela supervisora local do estágio. Ao início, traduzi-o como *cortiça verde*, mas aceitei a correção feita porque, de facto, desconhecia o termo *esponja floral*, apesar de estar explícito no texto original, depois de *corcho verde*, que se tratava de um objeto usado para espetar as flores. Como já referido anteriormente, uma das traduções de *corcho*, em português, é *cortiça* e, neste caso, foi a aceção que mais me pareceu adequada, não conseguindo encontrar possíveis traduções em dicionários. Aquando da

<sup>14</sup> <http://www.catalogo.m3c.pt/files/assets/downloads/page0013.pdf>

correção feita pela revisora, procurei por imagens de esponjas florais (ou espumas florais) na Internet e verifiquei que se tratavam, realmente, de materiais para floricultura.



Figura 2. Esponja floral<sup>15</sup>

Observa-se, mais uma vez, que as expressões terminológicas no âmbito do léxico técnico são muito importantes no ato da tradução, uma vez que introduzem uma subespecificação necessária ao cabal entendimento do termo.

Como tal, podemos dizer que estamos perante fraseologias, pois estas são estruturas linguísticas formadas por uma combinação fixa de duas ou mais palavras (Zuluaga, 1980:16,19, *apud* Batista da Silva, 2006), consideradas como uma unidade em termos semânticos. No caso descrito, a fraseologia é pertencente a uma língua especializada e, por isso, cabe ao tradutor reconhecê-las para serem traduzidas da forma correta, distinguindo-as de locuções da linguagem geral ou comum.

---

<sup>15</sup> Imagem retirada de:  
[http://www.moreirascandles.pt/ficheiros/\\_produtos/67\\_Esponja\\_rectangular.jpg](http://www.moreirascandles.pt/ficheiros/_produtos/67_Esponja_rectangular.jpg)

### 2.1.1.3. Sinonímia terminológica

Uma questão relevante normalmente associada ao léxico é o da sinonímia, que se ocupa da relação de semelhança entre palavras. Trata-se de uma relação de equivalência semântica entre duas ou mais unidades com formas diferentes.

“Deux ou plusieurs termes différents sont affectés à une seule notion. L’existence de synonymes résulte en grande partie de l’utilisation de caractères équivalents ou différents pour la formation des termes ou de l’utilisation parallèle de termes d’origine différentes.” (Felber, 1987: 153 *apud* Contente, 2008: 193)

Segundo Saussure, um termo patentia dois aspetos: a denominação e o conceito: se denominações diferentes exprimem um mesmo conceito, encontramos, então, perante um caso de sinonímia. Desta forma, a sinonímia é encarada como um problema do domínio sociolinguístico, uma vez que se encontra associada à variação. A pluralidade denominativa de um mesmo conceito no seio de um mesmo sistema é uma questão que suscita problemas de tradução. A sinonímia intralinguística, por exemplo, leva a dificuldades de tradução relativamente a palavras da língua de partida que podem equivaler a diferentes palavras na língua de chegada, por serem estas palavras sinónimas entre si. É a sinonímia encontrada no interior de um mesmo sistema linguístico (Contente, 2008). Perante esta sinonímia, o tradutor deve seleccionar a palavra mais adequada para aquele contexto. No entanto, esta questão não é o que acontece na minha análise de dois termos. É, na verdade, o contrário: diferentes palavras na língua de partida que podem ter apenas uma equivalência na língua de chegada.

Voltando à locução discutida no ponto anterior, *corcho blanco*, apesar das minhas constatações de que esta era o equivalente de *esferovite* em português, a minha dúvida surgiu tendo em conta que já conhecia o significado de *corcho* como cortiça ou rolha.

## Análise

8)

Termo original	Tradução	Revisor
“Con esta plantilla dibujamos los peces sobre el <b>polispán</b> , y se pican” (p. 20)	“Através deste modelo, desenhar e picotar os peixes na cuvette de <b>esferovite</b> branca”	

Vendo a caixa de texto acima, verifica-se que *polispán*, da mesma maneira que *corcho blanco*, equivale a *esferovite*, em português. No entanto, este termo suscitou-me algumas dúvidas porque acontece, aqui, um caso de sinonímia terminológica na língua de partida (palavras diferentes, mas significados iguais). Devido às minhas incertezas, ao consultar a Wikipédia, constatei que, de facto, “esferovite” apresenta diversos nomes consoante o país de língua espanhola e, na própria Espanha, existem várias denominações, tais como *polispán* ou *poliespan*, *corchopán* ou o já referido *corcho blanco*. As dúvidas surgem quando na língua de chegada, neste caso, o português, existe apenas uma palavra para designar o material que serve para fabricar embalagens ou que é usado como isolante de algum objeto: *esferovite*.

9)

Termo original	Tradução	Revisor
“Pinceles, <b>cola</b> o silicona caliente” (p. 8)	“Pincéis, cola ou cola quente de silicone”	
“Tijeras, <b>pegamento</b> y silicona caliente” (p. 6)	“Tesouras, <b>cola</b> e cola quente de silicone”	

Ao longo da tradução, encontrei duas palavras para o equivalente “cola” em português: *cola* e *pegamento*. Em espanhol, as duas palavras são usadas da seguinte forma:

- **Cola** - é uma cola líquida, normalmente de cor branca, que se costuma usar em trabalhos de carpintaria. Por exemplo, "*encolar un mueble*" significa unir as partes de um móvel mediante a utilização de cola.
- **Pegamento** - se a palavra anterior é usada de forma bastante específica, *pegamento* é a palavra genérica para definir uma substância utilizada para unir duas coisas.

Em português, apenas existe a palavra *cola* para ambas as aceções em espanhol.



#### 2.1.1.4. Empréstimos

Como **empréstimo linguístico** entende-se a transferência de unidades lexicais, morfemas ou aceções de um sistema A para um sistema B (Rebello de Andrade, 2001). Esta transferência divide-se em duas naturezas:

- **Interna** – a passagem de unidades de um para outro sistema apresenta-se numa mesma língua;
- **Externa** – quando as unidades de uma língua natural B assumem o léxico de uma língua natural A. Aqui, a unidade lexical, morfema ou aceção sofre um processo de lexicalização na língua de acolhimento. Há uma conformação destes elementos a nível da fonologia, ortografia, morfologia, sintaxe e semântica da língua que os recebe.

Como alternância do conceito de empréstimo, muitas vezes utiliza-se o de **estrangeirismo** com o mesmo significado. No entanto, parece que os conceitos são diferentes e há autores que o explicitam. Xavier e Mateus (1992) declaram que **empréstimo** diz respeito a um “termo proveniente de uma língua estrangeira” e, Mattoso Câmara Jr. (1977), citando Bloomfield, que este entende-se como uma “ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional”. Para o conceito de **estrangeirismo**, o mesmo autor (1977) define-o como “(...) os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante”. No entanto, a diferença entre os dois conceitos normalmente não é verificada e, por isso, no presente relatório, usarei o termo “empréstimo”.

Quanto à entrada de novas palavras numa língua, Machado (2004) (*apud* Rocha 2013: 88) sustenta que as importações enriquecem uma língua, pois suprem lacunas lexicais para designar um novo conceito. Assim, o estrangeirismo surge na língua, que,

segundo o mesmo autor, é uma forma de neologismo, já que é um termo estrangeiro novo e não integrado noutro sistema linguístico. Quanto aos termos **importação** e **empréstimo**, estes são considerados sinónimos (embora não o sejam), pois ambos aludem à transferência de termos de uma língua para outra.

Já para Andrade (1997, *apud* Rocha 2013: 91), os conceitos de empréstimo, importação e estrangeirismo diferenciam-se da seguinte maneira:

- **Empréstimo** designa o processo de passagem de uma unidade lexical de um registo para outro;
- **Importação** significa apropriação e utilização de palavras do léxico de uma língua diferente. A palavra é adaptada ao sistema de acolhimento;
- **Estrangeirismo** é o termo correto quando nos referimos a palavras estrangeiras que surgem na língua de chegada com a mesma ortografia e morfologia das originais, o que significa que não são adaptadas ao sistema de acolhimento.

## Análise

10)

Termo original	Tradução	Revisor
“(…) recortamos con un <b>cutter</b> y después pintamos con témpera verde” (p. 6)	“(…) que se recorta com <b>x-ato</b> e pinta-se com aguarela verde”	

*Cutter*, termo vindo do inglês, e de acordo com as definições analisadas nas duas páginas anteriores, é um estrangeirismo em espanhol, pois a palavra não é alterada no novo sistema de acolhimento. Em Português Europeu, “x-ato” é a sua tradução exata. No Brasil, “estilete” é o termo usado e, conseqüentemente, é a ocorrência que mais aparece nos dicionários *online* e no *corpus* paralelo Linguae. Ambas as variantes do português não optaram pelo fenómeno linguístico do estrangeirismo (e neste caso, externo), criando as suas próprias palavras.

11)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“Pinceles, <b>gomets</b> , rotuladores permanentes y aguja de lana” (p. 3)	“Pincéis, <b>autocolantes</b> , marcadores permanentes e agulha de lãs”	

Não consegui encontrar uma definição para a palavra no dicionário *online* da Real Academia Española (RAE) nem no dicionário bilingue espanhol-português da Porto Editora (2001). Tive de recorrer a uma pesquisa no Google e à visualização de imagens para me auxiliar na procura do termo correto em português. *Autocolantes* ou *etiquetas* eram os termos que mais se adequavam. Porém, optei pelo primeiro. Num *site* português com diferentes idiomas, um deles, espanhol, APLI<sup>16</sup> (empresa de fabricação de etiquetas e artigos de escritório), constava, para além de *gomets*, o termo *etiquetas adhesivas*. Aqui, os *gomets* figuravam-se como autocolantes com formas geométricas, ao contrário das segundas, que podem ser etiquetas para se escrever algo. No entanto, noutros *sites*<sup>17</sup>, encontrei *etiquetas adhesivas* com o mesmo significado de *gomets* e, por isso, não foi algo explícito de ser traduzido. *Gomet* é, ainda, um calque linguístico do francês “*gommette*”.

Apesar de ter havido uma modificação da estrutura da palavra e a fonética não ser igual, considero-o como um empréstimo porque a palavra foi importada de outra língua natural (neste caso, o francês), tendo perdido, apenas, algumas letras e sido adaptada ao novo sistema linguístico. Em português, decidi optar por uma palavra existente no dicionário e perfeitamente adequada às suas formas morfológica e fonética. A palavra *autocolante* representa a função principal da original encontrada no texto em espanhol: a de se colarem a algo.

---

<sup>16</sup> <http://www.apli.pt/changeldioma.aspx?code=es>

<sup>17</sup> Como o *Rajapack*: <http://www.rajapack.es/>

### 2.1.2 Texto de sustentabilidade ambiental

Quanto à segunda publicação que analisarei no meu trabalho, *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, pode dizer-se que é dirigida sobretudo a crianças ou adolescentes com o intuito de os consciencializar para o dever que temos em preservar e cuidar do planeta. É um texto de carácter informativo, pois tem como principal objetivo informar sobre os problemas que nos rodeiam e o que devemos fazer para melhorar as situações que se prendem com o meio-ambiente. Esta publicação alerta para a sustentabilidade ambiental que significa, precisamente, encontrar formas inovadoras de minimizar o nosso impacto no meio-ambiente e reduzir os nossos custos com a conservação de água, energia, entre outros. Para além disto, este texto também faz referência aos benefícios e à ética do Comércio Justo. Neste texto, os jovens são alertados para estes problemas através de alguns termos especializados mas, ao mesmo tempo, claros de serem entendidos para a sua faixa etária. Além disso, as páginas são preenchidas por imagens, o que ajuda a prender a sua atenção.

Quanto aos meus métodos de tradução, foram os mesmos que adotei ao traduzir a publicação anterior: pesquisas na Internet, consultando dicionários bilingues *online* e os *corpora* paralelos do Linguee, dicionários de português, como o Priberam ou o da Porto Editora, bem como recorrências à Wikipédia e, por vezes, a imagens que me ajudaram a tirar dúvidas e a escolher a opção de tradução mais acertada. Os problemas aqui encontrados e analisados terão a ver, também, com os **falsos amigos**, a **polissemia** e **homonímia**, bem como os **empréstimos**, e, por outro lado com outros dois aspetos: as **interjeições/exclamações** encontradas ao longo do texto e as **metáforas convencionalizadas**.

### 2.1.2.1. Falsos amigos

#### Análise

12)

Termo original	Tradução	Revisor
“(…) la minería o los grandes embalses también están detrás de la destrucción de los <b>bosques</b> ” (p. 13)	“a mineração ou as grandes barragens também estão por detrás da destruição das <b>florestas</b> ”	

*Bosques*, de acordo com o dicionário *online* de língua portuguesa Priberam (porque existe a mesma palavra em português), um *bosque* é um “arvoredo extenso e basto = MATA”. Da mesma forma, para o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa de 2001, a mesma palavra significa:

“1. Extensão de terreno coberto de arvoredo denso; pequena mata, floresta de pequena extensão”.

Esta palavra assume-se como um falso amigo, pois a palavra em espanhol refere-se, na verdade, a *floresta*, em português. Um *bosque*, na nossa língua, é uma extensão vasta de arvoredo mas com pequenas dimensões de espaço. As florestas denotam espaços maiores e é precisamente isso a que o *bosque* espanhol alude.

13)

Termo original	Tradução	Revisor
<p>“La electricidad ilumina la noche, hace la vida más cómoda, entretiene nuestro ocio, mantiene en funcionamiento las industrias que producen todo lo que consumimos... y, además, ¡parece <b>limpia!</b>”</p> <p>(p. 8)</p>	<p>“ A eletricidade ilumina a noite, torna a vida mais cómoda, entretém-nos durante os nossos tempos livres, mantém em funcionamento as indústrias que produzem tudo o que consumimos... e, além disso, parece <b>não ser poluente!</b>”</p>	

Neste termo, (*electricidad*) *limpia*, não optei pela tradução literal do adjetivo, “limpa”, pois associo-o a pessoas, animais ou objetos (algo concreto). Depois de uma pesquisa no Google, verifiquei que a tradução literal poderia ser aplicada também neste contexto. Porém, substituí-a por “não poluente”, pois é uma das locuções mais associadas à terminologia do meio-ambiente.

Além de ser um falso amigo, também nos encontramos perante uma metáfora, pois a energia (conceito abstrato) adquire um adjetivo que normalmente é aplicado em algo concreto (como pessoas, objetos, etc.).

14)

Termo original	Tradução	Revisor
<p>“<b>Exprimiendo</b> el Planeta”</p> <p>(p. 5)</p>	<p>“<b>Exprimindo</b> o Planeta”</p>	<p>“<b>Espremendo</b> o Planeta”</p>

Sendo *exprimiendo* e “exprimindo” palavras tão semelhantes, caí no erro de traduzir para português sem procurar num dicionário o verdadeiro significado da palavra em espanhol. Aquando da revisão é que verifiquei que *espremer* era o equivalente correto na nossa língua, consultando o dicionário bilingue *online* WordReference.

Mais uma vez, além deste verbo se assumir como falso amigo pelas semelhanças gráficas entre ambas as línguas, também se apresenta como metáfora, pois não se pode “espremer” algo abstrato e não palpável como o Planeta. No entanto, se pensarmos na ação de “espremer uma laranja”, por exemplo, poderemos imaginar que “*exprimiendo el Planeta*” significa que estamos a comprimi-lo e a destruí-lo pouco a pouco pelos atos que cometemos.

15)

Termo original	Tradução	Revisor
““¡No las tires a la basura, son muy <b>contaminantes!</b> ” (p. 7)”	“Não as deites para o lixo. São muito <b>poluentes!</b> ” (as pilhas)	

O termo especializado, em português, para designar algo que polui o ambiente no domínio da terminologia especializada da área do meio-ambiente é *poluente* e, não, *contaminante*. No Linguee apareciam várias hipóteses de tradução com ambos os termos, mas *poluente* é, sem dúvida, o adjetivo mais correto. Segundo um PowerPoint (2011) da Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), *contaminante* é a substância que ocorre no meio-ambiente em níveis mais elevados que os normais, mas que não tem qualquer efeito prejudicial para os recursos do planeta. Por outro lado, *poluente* é a substância que ocorre no meio-ambiente em níveis mais elevados que os normais e que tem efeitos indesejáveis na qualidade desses mesmos recursos. Desta forma, considero que a última palavra é o termo que melhor se adequa à tradução, pois as pilhas podem ter efeitos adversos no ambiente.

### 2.1.2.2. Polissemia e Homonímia

#### Análise

16)

Termo original	Tradução	Revisor
“Las bandejas de <b>corcho</b> blanco en las que compras comida” (p. 15)	“Nas embalagens de <b>esferovite</b> branco em que vem a comida”	

Da mesma forma que acontece na publicação analisada anteriormente, traduzi o termo *corcho* com o mesmo equivalente em português, *esferovite*, e não, por *rolha* ou *cortiça*, casos de polissemia, bem como de homonímia. Como já referido na análise daquela tradução, as três palavras, na nossa língua, têm apenas um equivalente em espanhol: *corcho* (ou *polispán*, no caso de “esferovite”), o que pode suscitar dúvidas.

### 2.1.2.3. Empréstimos

#### Análise

17)

Termo original	Tradução	Revisor
“Separar los restos de los alimentos para hacer	“Separar os restos dos alimentos para se fazer	“Separar os restos dos alimentos para se fazer



<b>compost</b> , que se podrá aprovechar como abono” (p. 6)	<b>compostos</b> , que poderão ser aproveitados como fertilizantes”	<b>compostagem</b> , que poderá ser aproveitada como fertilizante”
---	---	--

Para *compostagem*, em espanhol, de acordo com a minha pesquisa na Wikipédia, esta palavra pode-se dizer de quatro formas: *compost*, *compostaje*, *composto* ou *abono orgánico*. Nesta publicação, o autor decidiu recorrer à primeira forma e, portanto, ao empréstimo do inglês. Da minha pesquisa no WordReference, resultou **terriço** como a respetiva tradução do conceito em português. Não contente com a equivalência obtida, recorri ao Linguee, cujas traduções dadas foram **compostagem** e **composto**. Optei pela primeira ocorrência depois da correção da revisora e de constatar a empregabilidade técnica da palavra nalguns *sites*<sup>18</sup> em Português Europeu.

#### 2.1.2.4. Fraseologias

Designo como **fraseologias** as estruturas linguísticas que são produzidas e interpretadas como uma unidade, combinando duas ou mais palavras (Rocha, 2013: 85).

Se pertencentes a uma língua especializada, o que acontece aqui, as fraseologias são, também elas, especializadas, devendo o tradutor reconhecê-las imediatamente, pois fazem parte de áreas do conhecimento concretas. As diferentes conceções de fraseologias vão desde expressões idiomáticas a provérbios, ditados, colocações e locuções. De acordo com Rocha (2013), dependendo do autor, o conceito de “fraseologia” pode também ser designado por unidade fraseológica, fraseologismo, entidade fraseológica, etc.

Por outro lado, as fraseologias também poderão ser confundidas com **termos**. No entanto, Rocha (2013) preconiza que as primeiras são de base verbal e constroem-se através da combinação de conceitos (são locuções que apresentam fixação formal), e os segundos são de base nominal, referindo-se apenas a um conceito. No presente texto, encontrei somente um exemplo deste tipo de estrutura, mas verifica-se, sem dúvida, que

<sup>18</sup> Como o “Guia Prático da Compostagem doméstica” do Geota:  
[http://www.geota.pt/xFiles/scContentDeployer\\_pt/docs/articleFile140.pdf](http://www.geota.pt/xFiles/scContentDeployer_pt/docs/articleFile140.pdf)

é uma estrutura linguística fixa que não pode ser entendida se atribuirmos um significado individual a cada palavra.

## Análise

18)

Termo original	Tradução	Revisor
“Evitar los productos de <b>usar y tirar</b> ” (p. 6)	“Evitar produtos <b>descartáveis</b> ”	

Talvez, a intuição de um tradutor inexperiente ou desatento seja a de traduzir literalmente e palavra por palavra o termo “*productos de usar y tirar*”. Porém, isso não deverá ocorrer, visto que *usar y tirar* deve ser traduzido como um todo (estrutura fixa). Literalmente, esta locução significa, em português, *usar e deitar fora* e, inclusive, na minha pesquisa do Linguee, esta forma aparecia como uma eventual e possível tradução. Outra opção de tradução que este recurso apresentava era *descartáveis* e foi precisamente essa que escolhi, porque em português existem as duas palavras combinadas, formando um termo fixo: *produtos descartáveis*. Em conclusão, *descartável* remete para o todo que *usar y tirar* significa, e não para cada palavra em si.

### 2.1.2.5. Metáforas convencionalizadas

As metáforas convencionalizadas, formalmente denominadas de **metáforas conceituais convencionalizadas**, dizem respeito às metáforas que estão absorvidas na língua e, por isso, já não consideradas como tal. Ao serem usadas com frequência, acabam por passar despercebidas pelo seu uso tão frequente. Alguns pesquisadores afirmam, mesmo, que a nossa linguagem está repleta de metáforas. Dizêmo-las inconscientemente e de forma automática.

A metáfora é associada ao uso figurativo da linguagem e, por isso, é muitas vezes utilizada na linguagem poética ou literária, em geral. A metáfora é “*somewhat like simile*” (Saeed, 2003: 345), o que significa que é um uso figurativo da linguagem que pretende assemelhar-se a um conceito concreto. Há uma transferência de propriedades de um conceito para outro. O conceito de partida (ou o conceito-chave) é denominado de **target domain** (ou **domínio-fonte**, em português), e o conceito comparativo ou por analogia é o chamado **source domain** (ou **domínio-alvo**). Desta forma, uma realidade abstrata será perceptível através de uma realidade concreta.

“Metaphor is the cognitive mechanism whereby one experiential domain is partially mapped or projected onto a different experiential domain, so that the second domain is partially understood in terms of the first” (Barcelona 2003 *apud* Faber 2012: 33).

Por outro lado, há duas visões diferentes sobre a metáfora: a retórica e a cognitiva. Na primeira, e aludindo a Aristóteles, a metáfora é algo que adorna a linguagem normal para se obter determinados efeitos. Na segunda, a visão cognitiva da metáfora define-a, já, como parte integrante da linguagem e do pensamento para a descrição do mundo (Saeed, 2003: 346).

A Teoria Conceptual da Metáfora, preconizada por Lakoff e Johnson, no seu livro *Metaphors we live by* (1980), explica a metáfora como algo que está estruturado no pensamento humano. Não é apenas mais um elemento que visa embelezar o discurso. Na verdade, é importante na compreensão e construção humana do mundo. Estes autores encaram a metáfora do ponto de vista cognitivo e da relação que existe entre a linguagem e o corpo, ou seja, da nossa experiência enquanto seres humanos em contacto com o meio ambiente e possuidores de capacidades corporais, como o movimento. De acordo com Hoffman (1985, *apud* Faber 2012: 39), as metáforas na Ciência, por exemplo, são usadas com os objetivos de:

- trazerem inovação (darem um novo significado a algo, um novo sentido, etc.);
- interpretar teorias já existentes (sugerir ou contrastar);
- explicarem consequências e fenómenos.

Veja-se o seguinte exemplo de metáforas conceptuais:

“Está tudo em cima?”, sendo que “em cima” assume como uma expressão metafórica convencionalizada. Na linguagem corrente, a frase do Português Brasileiro significa “Está tudo bem?”. Assume-se, por isso, que “cima” é encarado, por nós, como algo positivo, tendo por base a metáfora orientacional ESTAR BEM É PARA CIMA.

As nossas emoções também são expressas de acordo com a nossa experiência do mundo e no que nele existe:

Estou radiante de alegria! – O adjetivo “radiante” transmite felicidade, como o efeito do sol quando brilha, tendo por base a metáfora conceptual ALEGRIA É BRILHO INTENSO.

Segundo Lakoff e Turner (1989), a metáfora serve para expandir o significado das palavras do literal ao abstrato. Desta forma, o abstrato é representado simbolicamente através da língua.

As metáforas são a chave para se compreender o mundo e a forma como o vemos, consoante o ponto de vista cultural de cada um. Através delas, conseguimos transmitir mais fielmente o que queremos dizer. A transmissão de algum impacto é aquilo que se pretende com o recurso a imagens metafóricas (Monteiro, 2009: 24).

Em seguida, serão analisadas duas expressões metafóricas encontradas na publicação *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, de acordo com o que foi descrito acima.

## **Análise**

**19)**

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“¿Has pensado alguna vez en el verdadero significado	“Já pensaste, alguma vez, no verdadeiro significado	

del término “ <b>comida basura</b> ”?” (p. 17)	do termo “ <b>comida de plástico</b> ”?”	
--	--	--

Literalmente, *basura* é *lixo*, em português. No entanto, o termo acreditado na nossa língua para especificar uma comida não-saudável é *comida de plástico*. De acordo com o dicionário *online* da língua portuguesa Priberam, o sentido figurado de plástico é o de “não natural = ARTIFICIAL”. Daí, poder atribuir-se este termo a uma comida que não faz bem à saúde, pela sua artificialidade. É uma expressão metafórica na medida em que as características do plástico são associadas a algo que não presta e com má qualidade: MÁ QUALIDADE É PLÁSTICO.

20)

Termo original	Tradução	Revisor
“Juntas debemos afrontar hoy en día retos importantes: acabar con la pobreza, <b>frenar</b> el cambio climático (...) (p. 2)	“Juntos devemos enfrentar, hoje em dia, desafios importantes: acabar com a pobreza, <b>combater</b> as alterações climáticas (...)”	

*Frenar* significa “travar”. Associada às alterações climáticas, o termo em português é *combater*. Segundo o Linguee, *reduzir*, *frear* e *lutar contra* também são opções possíveis. Optei por *combater*, pois é o verbo mais utilizado por *sites* de natureza confiável, como de canais e jornais portugueses<sup>19</sup>. É considerada uma expressão metafórica devido à relação existente entre a ação de “combater” (lutar) e o querer parar com algo, neste caso, as alterações climáticas.

Como referido em Silva (2014: 11), a tradução não incidiu nas palavras ou expressões, mas, sim, na tradução de conceptualizações que dizem respeito a um modelo cognitivo idealizado do mundo.

<sup>19</sup> Exemplos: <http://www.tvi24.iol.pt/politica/ambiente/portugal-investe-5-mil-milhoes-para-combater-alteracoes-climaticas> (TVI 24); [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=657018](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=657018) (Diário de Notícias)

Ainda na mesma autora, citando Faber (2012:63), lemos que “as semelhanças funcionais e morfológicas entre os objetos do cotidiano e os fenômenos geológicos ou naturais são os principais geradores de extensões metafóricas quer na linguagem geral e quer na especializada” (Silva, 2014: 87). Lê-se, ainda, e constata-se no último exemplo analisado acima que, quer no domínio das Ciências Ambientais quer no das Ciências Médicas, deparamo-nos frequentemente com imagens do domínio-fonte da guerra ou da luta (**combater** as alterações climáticas).

“The seacoast is a battlefield where humankind and the elements – or even the elements among themselves – fight each other.” (Faber, 2012:63 *apud* Silva, 2014: 88)

Desta forma, podemos sustentar, através de uma metáfora conceptual, que TERRA É UM SER VIVO. A partir da nossa compreensão do meio ambiente, descrevemos algumas das suas características e fenômenos através de sensações e experiências do nosso corpo.

### 2.1.2.6. Atos de fala expressivos

Os tipos de atos de fala expressivos que abordarei, inserem-se num quadro de naturalidade e vivacidade, procurando juntar as emoções na oralidade, para que haja uma maior ligação entre o texto e o leitor.

### Análise

#### Expressões

Os primeiros dois exemplos abaixo procuram veicular uma mensagem específica, aliando a escrita à emoção e à expressividade para se tentar uma maior ligação entre o texto (o autor) e o seu leitor.

21)

Termo original	Tradução	Revisor
“Deprisa, deprisa” (p. 18)	“Rápido, rápido”	

Em espanhol, o autor resolveu optar pelo advérbio *deprisa* (“depressa”, em português) como subtítulo do tópico “Transporte” desta publicação. De facto, *rápido* e *depressa*, como advérbios em português, são palavras sinónimas, mas resolvi optar pelo primeiro, por uma questão de naturalidade e, consequentemente, por esta ser uma palavra associada ao movimento (daí, também, o uso da repetição pelo autor), o que, neste caso, faz todo o sentido, visto estarmos a falar da deslocação em meios de transporte:

“Hoy en día, **desplazarnos** tiene un elevado coste humano, social y ambiental (...)” (excerto da página 18);

“Vamos más rápido pero no dedicamos menos tiempo al **transporte**, simplemente nos **desplazamos** más, y más lejos.” (excerto da página 18).

*Desplazarse* tem, como primeira aceção, *deslocar-se*, em português (Dicionário online da Porto Editora).

22)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“Muévete y cambiaremos el mundo” (p. 21)	“Juntos mudaremos o mundo”	

Eliminei o verbo no imperativo porque, em português, expressões como “juntos mudaremos”, “juntos faremos”, “juntos lutaremos” são frequentemente usadas como forma de apelo à união para alcançar um objetivo: neste caso, o de mudar o mundo.

### **Imperativo**

As frases construídas no imperativo servem para dar ordens, exprimir pedidos, conselhos ou, até mesmo, para exortar. Dentro da linguagem, a sua função é apelativa e, na escrita textual, podem terminar com um ponto de exclamação ou ponto final. Relativamente ao tempo dos verbos utilizados, estes podem estar na forma imperativa, conjuntiva ou infinitiva. Exemplos de frases no imperativo são as seguintes que irei analisar:

23)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“¡Fuera trapos sucios!” (p. 16)	“Diz fora aos trapos sujos!”	



Neste exemplo, acrescentei o verbo *dizer* no imperativo no princípio da expressão, pois parece-me que marca uma maior constância entre o texto e o leitor. O leitor é incitado a fazer o que o texto lhe transmite. No imperativo, a frase ganha mais força.

24)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Pidamos ética en la etiqueta!” (p. 16)	“Queremos ética nas etiquetas!”	

Conjugado na primeira pessoa do plural no presente do conjuntivo, *pidamos*, em português, significa *peçamos*. No entanto, esta expressão, se transformada no presente do indicativo, e se substituirmos o verbo *pedir* pelo *querer*, adquire um maior compromisso na nossa língua, pois exprime um facto que queremos definitivamente que aconteça: que haja moralidade na fabricação de roupa.

25)

Termo original	Tradução	Revisor
“Limpiemos la ropa...” (p. 16)	“Vamos limpar a roupa...”	

Apesar de no final a frase estar seguida de reticências, considero-a na forma imperativa, pois há um apelo à realização de uma tarefa, embora metafórica:

“Limpiemos la ropa... de **injusticias** (...); ... de **sustancias tóxicas** (...)”  
(excerto da página 16)

Da mesma forma que na frase anterior, decidi não optar por traduzir a expressão começando com o verbo no presente do conjuntivo. Introduzi no princípio, mais uma vez, o verbo *ir* na primeira pessoa do plural no presente do indicativo porque, do meu ponto vista, verbos na forma conjuntiva não são frequentemente usados, em português, pela faixa etária de que trata a publicação analisada: crianças e adolescentes. Aproximar

a linguagem escrita à oral nestes textos é importante para uma melhor compreensão do público-alvo.

### **Conselhos**

De acordo com o dicionário *online* da Porto Editora, um conselho é uma “opinião que se emite sobre o que convém fazer; parecer; sugestão” ou “proposta”. Os conselhos são atos de fala diretivos porque exprimem sentimentos ou emoções que se pretende demonstrar.

26)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“¡Mejor arreglar ese grifo o cisterna que gotea! (p. 10)	“Será melhor que arranjes essa torneira ou autoclismo que pinga!”	

A expressão insere-se na forma imperativa, embora em tom de conselho (na tradução portuguesa, verbo “Será melhor”). O verbo *ser*, no futuro, remete-nos, de imediato, para uma ação que será levada a cabo posteriormente se o leitor seguir o conselho. A minha tradução seria agramatical se decidisse traduzir a expressão literalmente do espanhol, começando com o advérbio *mejor*. Em português, tal estrutura não funciona, pois, obrigatoriamente, esta palavra, inserida numa interjeição, deverá vir acompanhada por um verbo antes.

Vemos, assim, que a estrutura das interjeições ou expressões é diferente nas duas línguas. Há formas “de se dizer” que se aceitam em espanhol e que, em português, tornar-se-iam agramaticais e vice-versa. No entanto, aspetos como este, na tradução, dependem unicamente do conhecimento e da experiência que o tradutor tem da sua língua materna: aquilo que é ou não aceite na sua estrutura sintática e no seu campo lexical num determinado contexto.

27)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Mejor si cantas tú! (p. 7)	“Será melhor se fores tu a cantar!”	

Aqui, acontece o mesmo que no exemplo anterior. A interjeição começa pelo advérbio *mejor*, em espanhol, e, novamente, na minha tradução, optei por traduzi-la iniciando com o verbo “ser” no futuro, vindo acompanhado do também advérbio português *melhor*. Mais uma vez, estamos perante uma frase imperativa em forma de conselho.

### Interjeições

Dentro deste subcapítulo, mencionarei quatro tipos de atos de fala expressivos encontrados na publicação em questão: as **expressões**, o **imperativo**, os **conselhos** e as **interjeições**. Uma interjeição é “uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as nossas emoções” (Cunha e Cintra, 1984: 587 *apud* Pais, 2012: 80). O que isto significa é que usamos as interjeições para exprimirmos, precisamente, as emoções, os nossos sentimentos, estados de espírito ou, até mesmo, para agir sobre o interlocutor, para levá-lo a agir e a adotar determinado comportamento. Desta forma, podemos dizer que as interjeições estão inseridas, sobretudo, em dois tipos de frases:

- Frases **exclamativas**, exprimindo alegria, tristeza, dor, etc;
- Frases **apelativas**, como pedir para ter cuidado com algo.

As interjeições apelam à naturalidade e vivacidade e podem aparecer em forma de exclamações e interrogações, bem como surgir como vocativos e imperativos, dando emoção e sentimento à oralidade. Pode tratar-se, ainda, de formas de cumprimento, saudação, ou cortesia. Dentro da classificação de interjeição, também existem as

locuções interjetivas, que são formadas por duas ou mais palavras, como, por exemplo, *ora bolas* (Pais, 2012: 80).

28)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Vaya mezcla!” (p. 15)	“Mas que mistura!”	

Muitas vezes, a palavra *vaya* em espanhol, se inserida no princípio de uma interjeição, tem a aceção de “Que”, em português:

¡Vaya calor! – Que calor!

¡Vaya lugar! – Que lugar!

*Vaya*, de facto, é utilizada em frases quando se quer expressar surpresa, admiração ou, ainda, desagrado. Na interjeição em questão, optei por começar a tradução com o advérbio *mas* para enfatizar e reforçar o seu sentido.

29)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Cuántos productos de limpieza!” (p. 15)	“Tantos produtos de limpeza!”	

O advérbio *cuántos*, em espanhol, traduz o mesmo significado que o advérbio *tantos*, em português, a saber, grande quantidade. Poderia ter traduzido literalmente *cuántos* por *quantos*, mas segui o princípio da naturalidade e do que mais se ouve dizer. O princípio da convencionalidade é muito importante: existe aquilo que é consolidado pelo uso. De entre várias formas possíveis, há aquela que é mais provável de ocorrer. Há, portanto, uma diferença entre o que os falantes podem dizer e o que na verdade dizem. Por outro lado, o último advérbio referido, em português, é mais usado em frases interrogativas, como “Quantos dias faltam para partires?”.

30)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“¡El cambio climático ya está aquí!” (p. 8)	“Chegaram as alterações climáticas!”	

Por uma questão de estética na frase, bem como de uso pouco frequente em português, optei por não traduzir literalmente o conjunto de palavras *ya está aquí*. O termo *cambio climático* torna-se plural na nossa língua (“alterações climáticas”), e, como substituição à parte final que não traduzi, iniciei a frase com o verbo *chegar* no pretérito perfeito do indicativo: *chegaram*. Como se pode constatar, mais uma vez, a estrutura sintática muda quando se traduz expressões deste tipo, de espanhol para português: expressões ou interjeições que se assemelham ao discurso oral.

31)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Revisor</b>
“¡Mejor colectivo!” (p. 18)	“Por melhores transportes coletivos!”	

Como já se viu na análise das expressões imperativas em forma de conselho, em espanhol é comum começar uma interjeição com o advérbio *mejor*. Porém, em português as frases poderiam ficar agramaticais, se traduzidas literalmente, ou com um sentido inverso àquele que realmente era pretendido pelo autor original. É o caso deste exemplo. Acrescentando a preposição *por*, transmitimos a verdadeira mensagem da última parte da publicação em análise, que aborda a questão dos transportes: de apelar a que os transportes coletivos sejam melhores. Se não inserisse esta preposição, o apelo poderia não ter o efeito desejado, o de se manifestar por melhores transportes.

32)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Cuida lo que comes! (p. 17)	“Atenção ao que comes!”	

Nesta interjeição, o problema encontrado é a de um falso amigo: *cuida*. Ao traduzir esta palavra literalmente para português, *Cuida o que comes*, estaria a deturpar o verdadeiro significado da frase original, pois *cuida* significa *proteger* ou *tratar de*. Em espanhol acontece o mesmo, mas, neste contexto, “atenção” é a palavra que melhor traduz e reflete o cuidado que devemos ter ao escolher os nossos alimentos. De acordo com o dicionário *online* Priberam, esta é a “expressão usada para pedir concentração ou cuidado em relação a algo = CUIDADO”.

33)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Mejor en el bosque!” (p. 13)	“Salvemos a floresta!”	

O advérbio *mejor* aparece novamente no início do enunciado. Desta vez, optei mesmo por eliminá-lo em português. Estando a interjeição ligada à parte da publicação referente ao desperdício de papel e abate de árvores, bem como o texto que se seguia à frase em questão, o verbo *salvar* foi uma boa opção de tradução, visto estar a abordar-se o tema das florestas e a sua conservação:

“Los bosques son imprescindibles para el equilibrio de la vida en el Planeta. Su **conservación** requiere medidas como: (...)”.

Numa análise anterior, referi que preferi traduzir de outra forma os verbos que em espanhol apareciam na forma conjuntiva por uma questão de proximidade à linguagem da faixa etária a quem se dirige este guia. Contudo, neste caso, optei pelo conjuntivo por julgar ser uma tradução adequada e pela estética da construção da frase.

34)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡A la felicidad por el consumo!” (p. 5)	“A felicidade através do consumo!”	

Neste exemplo, mais uma vez, está patente a eliminação de alguns itens lexicais (a eliminação da preposição *a* mais o artigo definido *a*, e a substituição da preposição *por* mais o artigo definido *o* pelo advérbio *através* mais a preposição *de* contraído com o artigo definido *o*) por uma questão de sentido, boa compreensão e uso em português.

35)

Termo original	Tradução	Revisor
“¡Todo un reto!” (p. 5)	“Que desafio!”	

Aqui, acontece o mesmo que no exemplo da interjeição ¡*Vaya mezcla!*. Como pronome indefinido, o “que” substitui *todo un* em português por ter a capacidade de exprimir quantidade ou intensidade numa frase exclamativa (dicionário *online* Priberam).

### Outros aspetos

Para além dos exemplos referidos nas páginas anteriores, é importante realçar a questão das formas de tratamento e dos efeitos da oralidade na escrita. Verifica-se, ao longo da publicação *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, que se utiliza o pronome “Tu” como forma de se dirigir ao público-alvo. Isto é importante de ser referido, pois, como aspeto cultural, a forma de tratamento poderia levantar problemas no momento da tradução. No entanto, tanto o espanhol como o português, regra geral, usam a segunda pessoa do singular quando se dirigem a um grupo de pessoas de uma faixa etária mais jovem. É importante que, numa tradução para crianças e adolescentes, como a que estou a analisar, as formas de tratamento também sigam o padrão cultural da língua de chegada, pois, só assim, conseguirão captar mais facilmente a atenção de quem lê.

Tratando por *tu* o leitor, sente-se uma proximidade entre o locutor e o interlocutor, capaz de fazer com que o discurso seja captado mais eficazmente.

Exemplos de uso do pronome *Tu* na publicação em questão e respetiva tradução:

36)

Termo original	Tradução
“¡ <b>INFÓRMATE Y ACTÚA!</b> ” (p. 5)	“ <b>INFORMA-TE E AGE!</b> ”
“ <b>Procura</b> abrir la nevera el menor tiempo posible y no metas alimentos calientes” (p. 12)	“ <b>Tenta</b> abrir o frigorífico durante o menor tempo possível e não metas lá comida quente”
“ <b>Descubre</b> otras formas de ahorrar energía” (p. 13)	“ <b>Descobre</b> outras formas de poupar energia”
“¿ <b>Te has</b> fijado que hay cisternas con doble pulsador?” (p. 15)	“Já <b>reparaste</b> que há autoclismos com descarga dupla?”
“ <b>Sabías</b> que la edición inglesa de “Harry Potter y el misterio del príncipe” se imprimió en papel certificado FSC?” (p. 21)	“ <b>Sabias</b> que a edição inglesa de “Harry Potter e o Príncipe Misterioso” foi impressa em papel certificado FSC?”
“No lo <b>malgastes</b> ” (p. 22)	“Não o <b>desperdices</b> ”
“¿ <b>Adivinas</b> dónde se esconde?” (p. 25)	“ <b>Sabes</b> onde se esconde?”
“¡ <b>Averigua</b> qué hay detrás de tu ropa!” (p. 27)	“ <b>Descobre</b> o que há por detrás da tua roupa!”
“Sano para <b>ti</b> , sano para el Planeta” (p. 29)	“Saudável para <b>ti</b> , saudável para o Planeta”
“Para distancias cortas, <b>puedes</b> aprovechar y dar un paseo” (p. 31)	“Em distâncias curtas, <b>aproveita</b> e <b>dá</b> um passeio”

Através deste quadro, constata-se que manteve na tradução a forma de tratamento *tu*, pois é a mais adequada, também na nossa língua, para nos dirigirmos aos jovens, captando a sua atenção. No Português Europeu, o pronome *tu* é dito como forma própria de intimidade e tem como objetivo a igualdade ou a proximidade. A função



vocativa pressupõe que o texto seja escrito tendo em conta a existência de um público específico, e, por isso, é usada, sobretudo, em textos instrutivos como esta publicação, que contém sequências argumentativas com o objetivo de captar a atenção do leitor e de convencê-lo a agir sobre algo. Da mesma forma, verifica-se que há uma quantidade de frases interrogativas para que haja uma espécie de conversa entre quem escreve e quem lê. Através destas, cria-se uma relação de cumplicidade e familiaridade entre o autor e o leitor. Há, também, uma tendência para as frases curtas para que haja a percepção de diálogo, e os pontos de interrogação (e, também, os de exclamação) servem como tentativa de reproduzir a real entoação marcada pelo discurso oral. Estes são alguns dos efeitos da oralidade na escrita. Fazem com que o texto tenha um carácter mais leve e, ao mesmo tempo, inovador. Por outro lado, neste texto, e como já foi anteriormente referido, apesar de ser de uma área especializada, utiliza um léxico que se adequa às crianças e adolescentes, para que haja uma boa compreensão do que se pretende transmitir. Este léxico também se adequaria perfeitamente a um diálogo de uma conversa natural e falada. Para se juntar a estes efeitos, consideremos as repetições, que também são usadas algumas vezes nesta publicação e representam uma marca característica da oralidade:

37)

<b>Termo original</b>	<b>Tradução</b>
“Tirar, tirar, tirar” (p. 6)	“Deitar fora, deitar fora, deitar fora”
“Deprisa, deprisa” (p. 18)	“Rápido, rápido”

A repetição exprime a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a palavra em questão vier repetida.

## 2.2. Questões de tradução nos Textos literários (público-alvo infantil)

A tradução literária é a tradução considerada mais nobre de todas as traduções, embora esta afirmação seja bastante questionada. No entanto, como as outras, também esta levanta alguns problemas.

Alguns autores, como Landers (2001), discutem a tradução literária sob dois aspetos:

- Aquela que é traduzida orientada para o **texto de chegada** (“*targeteers*”);
- Aquela que é traduzida orientada para o **texto de partida** (“*sourcerers*”).

Este autor, Landers (2001), defende que um texto deve espelhar fluência e transparência e, portanto, não demonstrar que foi traduzido. Contudo, há outros autores que enveredam pelo caminho da resistência, reiterando que uma tradução deverá mostrar que é realmente uma tradução, pois só assim se aplica a lei da diferença entre a língua a e a cultura da língua de partida e da língua de chegada. Os leitores da tradução poderão notar estranheza na leitura se esta não for adequada à sua origem. No entanto, para Landers (2001), há três maneiras de o tradutor contornar esta situação, sem pôr em risco a estrutura e o conteúdo do texto de partida:

- Optar pelas **notas de rodapé**: estas fornecem mais informação, apesar de quebrarem a fluidez da leitura; de interpolação ou da omissão;
- Optar pela **interpolação**: prende-se com o acréscimo de informação no texto, mas que não deverá ser muito extensa para não quebrar o ritmo da língua;
- Optar pela **omissão**: aqui não há a inserção de explicações. Mantêm-se os termos e expressões originais.

Quanto aos textos literários dirigidos para um público-alvo infantil, estes também têm as suas características que deverão ser atendidas no momento da tradução. Quando se pensa, de facto, num texto infantil, imagina-se um texto com uma menor dificuldade de ser lido em termos de estrutura sintática e de léxico, pois as crianças não têm, ainda, desenvolvidas as mesmas capacidades linguísticas de um falante adulto.

Aqui, portanto, deve-se facilitar a linguagem, tanto a nível sintático, lexical e gramatical.

“Littérature adressée à l’enfance ne s’est jamais situé en dehors de la littérature que lisent les adultes. Elle se porte seulement vers des lecteurs qui n’ont pas les mêmes interrogations sur le sens du monde que leurs parents, qui n’ont pas non plus la même expérience de la langue” (Document d’application des programmes: Littérature Cycle3, 2002 *apud* Barbosa, 2009: 34).

Neste caso em específico, o tipo de texto literário infantil que irei analisar será a poesia, encontrada na última parte da publicação *Manualidades con Materiales de Desecho*.

É comum dizer-se que traduzir poesia é uma tarefa difícil ou mesmo impossível. O tradutor deste género literário lida com a conjugação de vários elementos – conteúdo, forma, sons, ritmo, métrica e, por vezes, rimas – que formam um poema. A impossibilidade ou a dificuldade de traduzir poesia reside no facto de forma e conteúdo estarem intimamente ligados.

Laranjeira (1993) fala, primeiramente, da fidelidade semântica que costuma ser a primeira a ser considerada, pois traduzir é essencialmente comunicar um sentido e um significado. No entanto, e como aconteceu na minha tradução, é comum ocorrerem “infidelidades” a nível semântico, quando se traduz, para que seja preservado o nível poético. Por outro lado, a fidelidade linguístico-estrutural diz respeito à preservação, na tradução, dos níveis sintático e prosódico das classes morfológicas, lexicais, entre outras. Já a fidelidade retórico-formal refere-se aos padrões fixos de metro, ritmo ou rima tendo em conta os padrões culturais da língua de partida e da língua de chegada.

Britto (2002) *apud* Queiroz (in *Traduzindo Poesia Infantil: o Relato de uma Tradutora-Aprendiz*) afirma, ainda, que a tradução de um poema nunca é “equivalente ao original”. Para este autor, um poema traduzido só deverá captar algumas das características tidas como relevantes do poema original, para que possa ser lido como um poema na língua de chegada e não pareça uma tradução. Assim, é normal que durante o processo tradutório haja estruturas e itens lexicais alterados, bem como perdas semânticas.

Nos livros para crianças encontra-se, frequentemente, texto combinado com imagens, o que funciona como uma ferramenta de acesso e entrada à cultura (Barbosa, 2009: 34). Esta combinação entre texto e imagens é o que vemos, precisamente, nas poesias que analisei.

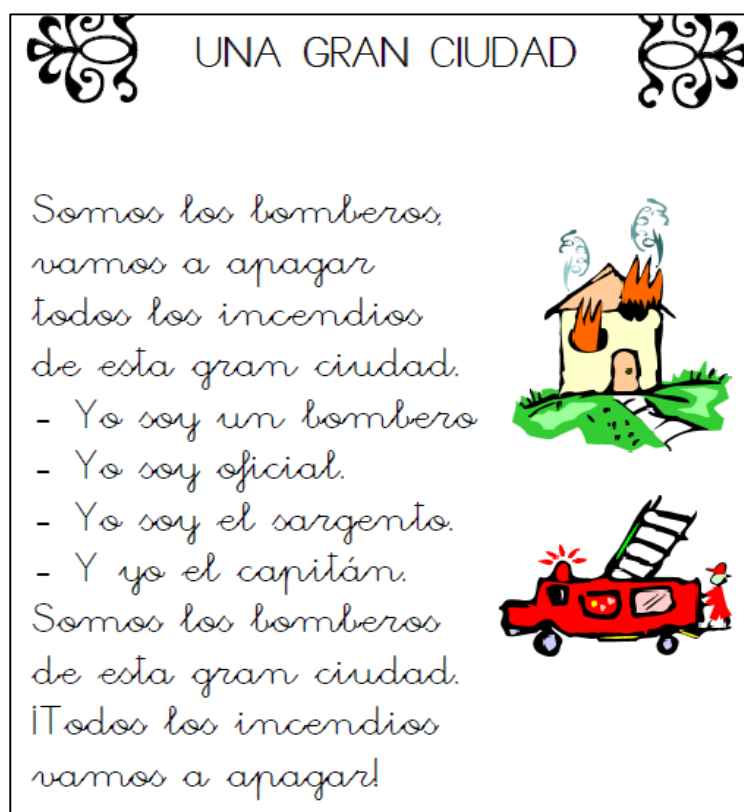


Figura 3. Exemplo de texto aliado com imagens retirado da última parte da publicação  
*Manualidades con Materiales de Desecho – Poesías Infantiles*

A poesia infantil é caracterizada pelos jogos de linguagem que apresenta, como as rimas (aspeto que irei abordar na minha análise), que potenciam o desenvolvimento da linguagem, mediante consciência fonológica. De facto, a principal dificuldade na tradução da poesia infantil, com que me deparei nesta publicação, prendeu-se com as rimas que, muitas vezes, não puderam ser transferidas do texto de partida para o texto de chegada. No entanto, sempre que possível, tentei fazer face a estas barreiras, traduzindo não com um equivalente, mas com um sinónimo mais próximo ou palavra adequada para que a rima fosse feita. Para as crianças, a rima é uma peça fundamental na poesia, pois é mais uma motivação para a leitura e facilita a memorização. Para além

disso, é como uma sonoridade e musicalidade que apraz o ouvido e uma forma de marcar enfaticamente o fim do período rítmico formado pelo verso. Se não existirem rimas, esses poemas serão compensados por recursos estilísticos de outra natureza, tais como léxica ou sintático-semântica.

Em Barbosa (2009), estão indicados alguns autores, como Jean Perrot (1975), que ressaltam a importância do conceito de “prazer do texto” na literatura infanto-juvenil. Outra autora, Mercedes Manzano (1985), refere três elementos fundamentais na definição do conceito deste tipo de literatura: simplicidade criadora, audácia poética e comunicação adequada. Ainda outro autor, Juan Cervera (1991), acredita que a literatura infantil é “toda a produção que tenha como veículo a palavra com um toque artístico ou criativo e como destinatário a criança”.

O mundo das crianças está cheio de imagens, fantasia e sensibilidade. As rimas, vistas como linguagem criativa e sonora, bem como um jogo de palavras, desenvolvem as capacidades dos mais pequenos. Pela emoção embutida em cada verso, a poesia toca-os, pois as crianças sentem o mundo de uma forma diferente daquela a que o adulto experiencia. Se forem acompanhadas de correspondências fonéticas, as poesias provocarão outras novas sensações e facilitarão a memorização de alguns versos ou a recordação do texto, porque a tendência para o jogo de sons é algo que faz parte da comunicação espontânea infantil. Para além disto, as rimas conseguem com que os mais pequenos dirijam toda a sua atenção para o texto, uma vez que tendem a querer descobrir as palavras que rimam e a procurar outras, no seu léxico mental, que também rimem com as palavras existentes no texto. É através da rima que se vão apercebendo da estrutura segmental da linguagem oral e dos seus constituintes sonoros (Nóbrega, 1965).

### **2.2.1. Questões de sintaxe**

Como já referido anteriormente, os textos infantis são caracterizados por uma escrita mais simplificada, sendo que a sintaxe não foge à regra. Shavit (1986) *apud* Mourato (2009: 14) dá relevância, precisamente, aos traços de simplicidade da literatura infantil, referindo que a linguagem deve ser simples, embora possa existir uma elaboração lexical para levar a uma boa compreensão do texto.

## Análise

38)

Verso original	Tradução	Revisor
“A dormir que llueve ya” (p. 57)	“Durmam, durmam, que a chuva já vem”	

Neste exemplo, estamos perante um título de uma poesia, não de um verso. Esta é uma poesia curta que fala sobre a chuva. No título, optei pela repetição do verbo *dormir* na forma imperativa, pois esta é uma marca muitas vezes usada em poemas, em português, que favorece o seu ritmo. Para além disso, alterei a estrutura sintática das duas últimas palavras (e substituí o verbo “chove” pelo substantivo “chuva”, acrescentando, também, o verbo “vir” no final, com o sentido de brevidade) por uma questão de convencionalidade e, conseqüentemente, de naturalidade na nossa língua.

39)

Verso original	Tradução	Revisor
“Vamos a la escuela ¡llévame mamá! Están mis amigos y quiero jugar.” (p. 49)	“Vamos à escola Leva-me, mamã! Estão <b>lá</b> os meus amigos e quero brincar”	

Decidi inserir o advérbio *lá* para enfatizar o lugar onde se encontravam os amigos da personagem do poema (neste caso, na escola). Para além disso, julguei também conveniente introduzi-lo para não haver quebra de ritmo na leitura, pois, sem esta palavra, o verso ficaria mais curto.

### 2.2.2. Questões estilísticas

Como já mencionei em páginas anteriores, acredito que a rima é uma peça fundamental para um maior interesse da criança face à leitura que lhe é exposta. Desta forma, decidi optar, sempre que possível, pela permanência deste recurso estilístico. Embora algumas vezes não recorresse à tradução literal, precisamente para manter a rima, enveredava pela tradução oblíqua. Isto significa que, nalguns versos, utilizei recursos lexicais ou sintáticos diferentes daqueles que estavam presentes nas poesias originais (alteração da forma), mas sem nunca modificar o conteúdo e o sentido.

#### Análise

40)

Verso original	Tradução	Revisor
“Jesús <b>disfruta</b> , jugando que te juega con la <b>viruta</b> ” (p. 68)	“Jesus <b>aproveita</b> , para brincar, feliz, com as aparas que a madeira <b>deita</b> ”	

Aqui, verifica-se a questão da permanência da rima. No texto original, *disfruta* rima com *viruta* e, sem alterar o sentido dos versos, modifiquei o verbo e acrescentei palavras para que pudessem continuar a rimar. Recorrendo ao dicionário *online* WordReference para saber o equivalente de *viruta*, em português, atestei que esta palavra prendia-se com as lascas que são retiradas de “*un fragmento de material residual con forma de lámina curvada o espiral que se extrae mediante un cepillo u otras herramientas*” (Wikipédia), portanto, podendo ser de madeira. Visto que a poesia mencionava “San José, carpintero”, pude supor que Jesus estaria a brincar com as aparas daquele material.



41)

Verso original	Tradução	Revisor
“Me gusta ir a la feria para comer <b>algodón</b> y bailar en las casetas con zapatos de <b>tacón</b> .” (p. 85)	“Gosto de ir à feira para comer <b>algodão</b> e dançar nas <i>casetas</i> com sapatos de <b>tacão</b> .”	“Gosto de ir à feira para comer <b>algodão</b> e dançar nas tendas com sapatos de <b>tacão</b> .”

Apesar de em português ser mais usual o termo *sapatos de salto alto*, para manter a rima, optei pela tradução literal de *tacón*. Em termos de correções, verifica-se que a revisora preferiu o equivalente de *casetas*, em português, *tendas*, ao contrário de mim, que optei pelo empréstimo e mantive o termo na sua forma original. No entanto, aceitei a correção da revisora, visto o texto ser dirigido a crianças e poder haver problemas no reconhecimento desta palavra.

42)

Verso original	Tradução	Revisor
“La primavera ha <b>venido</b> nadie sabe como ha <b>sido</b> . Ha despertado la rana el almendro ha <b>florecido</b> .” (p. 91)	“A primavera <b>chegou</b> ninguém sabe como veio A rã <b>acordou</b> a amendoeira <b>brotou</b> .”	

Neste exemplo, tive, mais uma vez, a preocupação de manter as rimas, embora tenha alterado a posição de uma. No poema original, as rimas existiam no primeiro, segundo e quarto versos e, na minha tradução, estão presentes no primeiro, terceiro e quarto. Para isso, alterei a ordem sintática do terceiro verso mediante hipérbato (o verbo passou para o final) e, em vez de traduzir literalmente o verbo *floreecer*, que em português seria *florescer*, optei por *brotar*, que conjugado no pretérito perfeito do indicativo, na terceira pessoa do singular, apresenta o sufixo “-ou”, rimando, assim, com os restantes verbos. Consequentemente, este verbo não deturpa o significado do verso original. Mantém o sentido pretendido do autor do texto de partida.

43)

Verso original	Tradução	Revisor
“El perro dentista le ha <b>recetado</b> bombón de <b>pescado</b> .” (p. 94)	“O cão dentista receitou-lhe um <b>feixe</b> de bombons de <b>peixe</b> .”	

No poema original, como se pode observar, o segundo verso está isento de qualquer outra palavra depois do verbo *recetar* na sua forma conjugada. Na tradução, porém, acrescentei mais uma para que a rima pudesse ser mantida, sem alterar o sentido pretendido do texto original. *Feixe*, em português, no sentido figurado, significa *porção*; *acervo* (dicionário online Priberam). Julgo ser uma palavra difícil para as crianças, pois o seu uso não é frequente, mas o jogo sonoro poderá captar-lhes a atenção. Para além disso, o verso ficaria muito curto se traduzisse apenas o verbo, o que quebraria o ritmo da leitura.

44)

Verso original	Tradução	Revisor
“La tortuga dijo: ¡Qué <b>fatalidad</b> ! yo me voy al campo ¡qué asco de <b>ciudad</b> !” (p. 61)	“A tartaruga disse: Que <b>desgraça</b> ! É melhor ir para o campo Esta cidade não tem <b>graça</b> !”	

Para que o segundo e o quarto versos rimassem, alterei a estrutura sintática do último. O substantivo, neste caso *graça*, aparece no final para rimar com *desgraça*, tradução que dei à interjeição *¡Qué fatalidad!*. = “Que desgraça!”. Apesar de saber que o verso final carece de uma tradução mais forte e mais aproximada ao verdadeiro sentido de *asco* (por exemplo, “nojo”), não alterei o que se pretendia transmitir na verdade com esta expressão: que as cidades, comparativamente ao campo, são muito confusas e esgotadoras.

45)

Verso original	Tradução	Revisor
<p>“Soy la gata <b>Minifá, a, a, a</b> que nunca a la escuela <b>fue,</b> <b>e, e, e</b> a leer yo no <b>aprendí, i, i, i</b> y a la escuela vengo <b>yo, o,</b> <b>o, o</b> porque quiero a <b>Minifú, u,</b> <b>u, u</b> a, e, i, o, u.” (p. 87)</p>	<p>“Sou a gata <b>Minifá, a, a, a</b> que nunca teve a escola ao <b>pé, e, e, e</b> a ler não <b>aprendi, i, i, i</b> mas agora à escola vou <b>só,</b> <b>o, o, o</b> porque gosto do <b>Minifú, u,</b> <b>u, u</b> a, e, i, o, u”</p>	

Como se pode verificar pela caixa de texto acima, este pequeno poema, através do jogo fonético, pretende ensinar as vogais às crianças. Para que cada palavra, no fim de cada verso, terminasse com a letra correspondente às diferentes vogais, tive de optar, algumas vezes, pela alteração da estrutura sintática e pela introdução de outras palavras, dando outro significado (mas não o sentido pretendido) às frases.

46)

Verso original	Tradução	Revisor
<p>“Mi mamá me ha dicho “No salgas de <b>aquí,</b> porque si te sales te vas a <b>morir.</b>” (p. 77)</p>	<p>“A minha mãe disse-me; “Não saias <b>daqui,</b> porque se saíres morrerás <b>aí</b>”</p>	

No exemplo patente, quis manter, mais uma vez, a rima no segundo e quarto versos. Embora, em espanhol, a rima não seja perfeita, o som do “i” é aquilo que denota a existência de um jogo fonético no final. Na tradução, a rima manteve-se sem alterar o sentido desejado do poema. No texto original, o advérbio *aí* não está presente, mas este, no texto de chegada, não muda a sua percepção.

47)

Verso original	Tradução	Revisor
<p>“Al abrir los ojos miro dónde <b>está</b> y en el mismo sitio veo a mi <b>mamá</b>.” (p. 92)</p>	<p>“Ao abrir os olhos vejo onde <b>estará</b> e no mesmo sítio a minha mãe <b>encontrar-se-á</b>.”</p>	

Para manter a rima, alterei a estrutura sintática do último verso e eliminei um verbo, adicionando outro no final. “A minha mãe”, tradução de *mi mamá*, passa para o princípio, e o verbo acrescentado foi *encontrar* na sua forma futura, aplicando mesóclise. Considero uma construção com algum grau de dificuldade para as crianças, mas o jogo de sons poderá ser uma mais-valia na memorização e captação da atenção.

48)

Verso original	Tradução	Revisor
<p>“Mi hermana María dice que a ella le gusta <b>ver</b>, las hojas cuando se caen, porque parece que vuelan y no se quieren <b>caer</b>.” (p. 53)</p>	<p>“A minha irmã Maria diz que gosta de <b>ver</b>, as folhas quando caem, porque parece que voam e não querem <b>descer</b>.”</p>	

Há uma rima no segundo e quinto versos. *Caer* traduz-se literalmente como *cair*, mas para manter a rima, optei pelo verbo *descer*, que não altera o sentido pretendido no texto original. De facto, o verbo *cair* é o mais adequado para nos referirmos às folhas que caem das árvores. No entanto, *descer* também remete para a ação de se estar mais perto do chão.

49)

Verso original	Tradução	Revisor
<p>“Si bonitos son sus pueblos sus ciudades mucho <b>más</b> ¡Te quiero Andalucía! ¡Te quiero una “<b>hartá</b>”! (p. 84)</p>	<p>“Se bonitas são as suas vilas As cidades muito mais Gosto de ti, Andaluzia! Gosto de ti a <b>valer</b>!”</p>	

*Más* e *hartá* não formam uma rima perfeita, em espanhol. No entanto, o som do “a” faz com que se obtenha algum jogo fonético. Além disso, na região da Andaluzia, os falantes costumam aspirar os “s” finais, o que significa que não são pronunciados. Oralmente, *más* seria dito quase como *má*, o que rimaria, sem dúvida, com *hartá*. Em português, não consegui manter a rima devido à gíria usada no último verso. Segundo o Dicionário Andaluz Fífitu, uma *hartá* ou *jartá* é uma unidade de medida que expressa uma grande quantidade de algo. A *valer* é a expressão, em português, que corresponde, neste caso, ao gostar muito de alguma coisa. Como *hartá*, exprime algo vivido com muita intensidade e em alta quantidade.

## Conclusão

Como se pôde constatar nos exemplos anteriores da tradução da poesia infantil e, até mesmo, do texto de sustentabilidade ambiental *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, os efeitos do uso de segmentos da oralidade na escrita procuram aumentar a sua eficácia comunicativa, sobretudo, junto de um público mais jovem.

### 3. Observações finais

Ao longo do relatório, abordei as duas publicações que me propus analisar decorrentes do estágio no Clube Intercultural Europeu: *Manualidades con Materiales de Desecho* e *Cómo Vivir sin Acabar con el Planeta*, nas quais encontrei vários problemas, tanto a nível do texto especializado como do texto literário. Na primeira publicação – o manual de trabalhos manuais –, verificam-se casos de falsos amigos, polissemia e homonímia, sinonímia e empréstimos. Quanto ao segundo texto traduzido, sobre sustentabilidade ambiental, foram observados os mesmos problemas, bem como fraseologias, metáforas e interjeições que considere pertinentes para análise devido à diferença estrutural verificada na tradução em português. Apesar de considerá-los como textos técnicos ou especializados, pois tratam de temas concretos (os trabalhos manuais e os seus objetos, bem como vocabulário próprio sobre o ambiente), não apresentam grandes dificuldades terminológicas, pois são dirigidos a um público-alvo mais jovem.

Observa-se que os dois tipos de texto têm marcas características que os distinguem e, por isso, a tradução também deverá seguir o mesmo tipo de estruturação textual, especialmente quando os textos em questão são de carácter instrutivo e dirigidos a um público-alvo infantil ou adolescente, como as publicações em análise neste relatório. Nos textos técnicos, seguiu-se o princípio da melhor equivalência terminológica na língua de chegada e, no género literário ou poético, das estruturas sintáticas e estilísticas adequadas ao Português Europeu. Em ambos os tipos de texto, procurei enveredar pela terminologia e estruturas linguísticas simples, indo ao encontro dos leitores a quem as publicações eram dirigidas, como já referido anteriormente. As rimas, presentes nas poesias no final da publicação *Manualidades con Materiales de Desecho*, são um exemplo claro de incentivo à memorização e interesse pela leitura no escalão infantil (e até juvenil). Por isso, decidi mantê-las, quando possível, na tradução em português. Além disso, os textos de carácter instrutivo também devem ser claros e objetivos na maneira como abordam os temas que propõem ensinar. Sem formulações claras na escrita, poderá haver um não entendimento por parte de quem lê, especialmente os mais jovens. Assim, da mesma forma que os originais, as traduções devem assumir os mesmos princípios da eficácia comunicativa, realizando algumas adaptações linguísticas para causarem o efeito pretendido anteriormente na língua de chegada. Conclui-se, por isso, que as soluções de tradução apresentadas incidem sobre

aspectos linguísticos, uma vez que são absolutamente determinantes para uma compreensão das mensagens por parte do público-alvo.

No decorrer das minhas análises constatei que, apesar da proximidade entre ambas as línguas (português e espanhol), no âmbito da tradução um tradutor mais desatento ou com menor conhecimento dos dois idiomas, poderá cair em erros de tradução.

Em suma, o estágio curricular no Clube Intercultural Europeu revelou-se precioso para o desenvolvimento das minhas competências tradutórias espanhol-português, sendo que com ele espero ter dado um bom contributo para a área de tradução destas línguas.

## Bibliografia

BARROS, Diana Luz Pessoa de (2009). *Oralidade em Textos Escritos: Linguagem popular e oralidade: efeitos de sentido nos discursos*. São Paulo: Editora Humanitas.

BARBOSA, Ana Maria Pereira Vieira (2009). *Análise das Representações de género e seus valores na Literatura Infanto-Juvenil e na Formação da Criança*. Universidade do Minho.

BYRNE, Jody (2006). *Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. Dordrecht: Springer.

BYRNE, Jody (2014). *Scientific and technical translation explained*. Nova Iorque: Routledge.

CAVACO-CRUZ, Luis (2012). *Manual Prático e Fundamental de Tradução Técnica*. 1ª Ed. Independence (Missouri): Arkonte LLC.

CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques (2008). *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*. Lisboa: Edições Colibri/ Universidade Nova de Lisboa.

COSTA, Marta Moraia da (2009). *Literatura Infantil*. 2ª Ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MARKEL, Mike (2010). *Technical communication*. 9ª Ed. Boston, Nova Iorque: Bedford/St. Martin's.

FABER, Pamela (2012). *A Cognitive Linguistics View of Terminology and Specialized Language*. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton.



LEITE, Marli. *Do falado ao escrito e vice-versa*. In: PRETI, Dino (org.) (2009). *Oralidade em Textos Escritos*. São Paulo: Editora Humanitas.

LUKEŠOVÁ, Petra. *Expressões idiomáticas – Falsos amigos do espanhol e do português*. Universidade Masaryk.

MOURATO, Ana Martins (2009). *O Conto Infantil como Mediador e Contendor ao longo do Desenvolvimento. Estudo de caso: Projecto Ouvir o Falar das Letras*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

NÓBREGA, Mello (1965). *Rima e Poesia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura.

NORD, Christiane (2001). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester, UK & Northampton MA: St. Jerome Publishing.

NORD, Christiane (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. 2ª Ed. Amsterdam, New York: Rodopi.

PAIS, Susana Isabel Gonçalves (2012). *A questão da Eficácia Comunicativa na Tradução do Audiovisual*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva, NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do, MOTA, Maria Antónia Coelho da, SEGURA, Luísa, MENDES, Amália, VICENTE, Graça, VELOSO, Rita (2013). *Gramática do Português*. 1ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp. 190-193

ROCHA, Pedro Gabriel Bobela Gomes de Almeida (2013). *Relatório de Estágio na AYR Consulting: Discussão de Aspectos Relevantes para a Tradução*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SAEED, John (2003). *Semantics*. 2ª Ed. Bodmin, Cornwall: Blackwell Publishing.

SILVA, Fabiana Negri Pinto da (2014). *A construção da Sustentabilidade Ambiental pela Metáfora e a sua Tradução*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## Sitologia

<https://pt.wikipedia.org/>

<http://rosamerino2099.blogspot.pt/>

[https://www.codelcoeduca.cl/biblioteca/lenguaje/3\\_Lenguaje\\_NB3-NB4.pdf](https://www.codelcoeduca.cl/biblioteca/lenguaje/3_Lenguaje_NB3-NB4.pdf)

[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&link\\_id=44:texto-literario--texto-nao-literario&task=viewlink](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=44:texto-literario--texto-nao-literario&task=viewlink)

<http://www.infopedia.pt/dicionarios/espanhol-portugues/>

<http://www.linguee.pt/>

<http://www.priberam.pt/DLPO/>

[http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/POESIA\\_INFANTIL\\_OK.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/POESIA_INFANTIL_OK.pdf)

<http://www.rae.es/>

[http://www.unil.ch/fra/files/live/sites/fra/files/shared/Typologie\\_de\\_textes\\_et\\_didactique.pdf](http://www.unil.ch/fra/files/live/sites/fra/files/shared/Typologie_de_textes_et_didactique.pdf)

<http://www.wordreference.com/>

## ANEXO – Glossário

O seguinte glossário engloba alguma da terminologia especializada encontrada na publicação de trabalhos manuais e de sustentabilidade ambiental.

<b>Original</b>	<b>Equivalente</b>	<b>Definição</b>	<b>Domínio de especialidade</b>	<b>Fonte</b>
Aditivo químico	Aditivo químico	Substância acrescentada intencionalmente a um alimento para melhorar a sua cor, textura e aroma ou para conservá-lo fresco durante mais tempo.	Meio-ambiente	Linguee
Atmósfera	Atmosfera	Camada gasosa que envolve o globo terrestre.	Meio-ambiente	Linguee
Bandeja de corcho blanco	Cuvete de esferovite branca	Espécie de embalagem em que vêm alguns alimentos.	Trabalhos manuais	Site de catálogo de embalagens – M3C embalagens (www.catalogo.m3c.pt)
Basura	Lixo	Qualquer material sólido originado em trabalhos domésticos	Meio-ambiente	Linguee

		industriais que é eliminado.		
Bola de ensartar	Bola de missan ga	Peças pequenas que permitem fazer trabalhos minucioso s.	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google
Bolsa de plástico	Saco de plástico	Objeto utilizado para transportar pequenas quantidade s de mercadori as.	Meio- ambiente	Linguee
Bombilla de bajo consumo	Lâmpa da de baixo consum o	Lâmpadas que reduzem o consumo de energia.	Sustentabil idade ambiental	Linguee
Cambio climático	Alteraç ões climátic as	Variação do clima em escala global ou dos climas regionais da Terra ao longo do tempo.	Meio- ambiente	Linguee
Capa de ozono	Camad a de ozono	Região da Terra localizada na estratosfer a onde se concentra altas quantidade s de ozono (gás feito pelo oxigénio).	Meio- ambiente	Linguee
Careta	Máscar a	Artefacto de cartão, pano ou	Trabalhos manuais	Linguee

		outros materiais destinado a cobrir o rosto para disfarce da pessoa que o põe.		
Cartulina	Cartolina	Tipo de cartão fino, entre o papel e o papelão, muito usado em trabalhos escolares.	Trabalhos manuais	Linguee
Cartón de huevos	Caixa de ovos	Embalagem de cartão em que vêm os ovos.	Trabalhos manuais	Linguee
Cera	Lápis de cera	Material escolar usado para desenhar e constituído por parafina e mistura de pigmentos com cera de abelha. São lápis em forma de barras cilíndricas com alguma espessura.	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google
Cilindro de cartón de papel higiénico	Rolo de cartão de papel higiénico	Rolo de cartão em que é envolto o papel higiénico.	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google
Cisterna con doble pulsador	Autoclismo com descarga	Manípulo de autoclismo de dupla	Sustentabilidade ambiental	Linguee

	a dupla	descarga. Permite uma maior economia de água.		
Cola	Cola	Preparado glutinoso para fazer aderir papel, madeira ou outras substâncias.	Trabalhos manuais	Linguee
Contentor de recogida	Contentor	Recipiente que se utiliza para depositar resíduos.	Sustentabilidade ambiental	Linguee
Corcho blanco	Esferovite	Espuma de polistireno , material muito leve usado especialmente como isolante e no fabrico de embalagens.	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google
Cordón de goma elástica	Cordão elástico	Cordão de borracha elástica, com forte resistência.	Trabalhos manuais	Linguee
Despilfarr o	Desperdício	Ação ou efeito de desperdiçar ou de gastar algo em excesso.	Sustentabilidade Ambiental	Linguee
Envase	Embalagem	Recipiente ou envoltura que	Trabalhos manuais	Linguee

		armazena produtos, com o objetivo de criar melhores condições para distribuição, transporte e armazenagem.		
Formaldeído	Formaldeído	Produto químico difundido em muitos processos industriais, alimentos e cosméticos.	Produto químico (meio-ambiente)	Linguee
Gomet	Autocolante	Figuras autoadesivas, de muitas cores e formas, que se usam sobretudo em trabalhos escolares no Ensino Pré-Escolar.	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google
Impacto ambiental	Impacto ambiental	Alteração no meio-ambiente ou em algum dos seus componentes por ação ou atividade humana.	Meio-ambiente	Linguee



Lapicero	Porta-canetas	Objeto em que se pode guardar canetas, lápis, tesouras e outros elementos relacionados.	Trabalhos manuais	Resultados Google – IKEA ( <a href="http://www.ikea.com/pt/pt/catalog/products/40190932/">www.ikea.com/pt/pt/catalog/products/40190932/</a> )
Lápis	Lápis	Instrumento usado, sobretudo, para escrever, desenhar ou riscar papel com um bico de grafite.	Trabalhos manuais	Linguee
Nonilfenol	Nonilfenol	Composto orgânico encontrado em detergentes.	Produto químico (meio-ambiente)	Linguee
Papel de embalar	Papel de embrulho	Papel usado para embrulhar objetos (presentes).	Trabalhos manuais	Linguee
Papel pinocho	Papel crepe	Papel leve produzido ao ser coberto por uma espécie de cola e posteriormente encrespado. Muito usado para enfeites.	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google – STAPLES ( <a href="http://www.staples.pt/clairfontaine-rollo-papel-crepe-2-50x0-50m/cbs/643240.html">http://www.staples.pt/clairfontaine-rollo-papel-crepe-2-50x0-50m/cbs/643240.html</a> )
Pincel	Pincel	Instrumento manual dotado de pelos,	Trabalhos manuais	Linguee

		cerdas ou outros filamentos usado para limpeza, escovação, pintura, etc.		
Pintura plástica	Tinta plástica	Tinta desenvolvida para trabalhos artísticos e escolares.	Trabalhos manuais	Linguee
Plastilina	Plástico na	Material plástico, “modelável”, muito usada no Ensino Pré-Escolar e Primário para a confecção de pequenas peças.	Trabalhos manuais	Linguee
Punzón	Pico de picotar	Objeto que se utiliza para perfurar (cortar papel em pequenos pedaços).	Trabalhos manuais	Imagens e resultados Google
Rotulador	Marcador	Caneta com ponta grossa, cuja tinta é humedecida através de uma ponta de feltro.	Trabalhos manuais	Linguee

Sello FAIRTRADE	Selo FAIRTRADE	Única garantia para os consumidores de que os produtores receberam um preço que cobre os seus custos de produção e de que se respeita o meio-ambiente.	Sustentabilidade ambiental	Resultados Google ( <a href="http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/porquedecirc_comeacutercio_justo.html">http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/porquedecirc_comeacutercio_justo.html</a> )
Silicona caliente	Cola quente de silicone	Cola com alto poder de colagem de diferentes materiais.	Trabalhos manuais	Resultados Google ( <a href="http://www.saraiva.com.br/cola-quente-silicone-bastao-fino-c08-unidades-143939.html">http://www.saraiva.com.br/cola-quente-silicone-bastao-fino-c08-unidades-143939.html</a> )
Tala ilegal	Abate ilegal	Abate ilegal de árvores.	Meio-ambiente	Linguee
Témpera	Guache	Tinta solúvel em água, de secagem rápida, espessa e opaca, que depois de seca permite a sobreposição de outras cores.	Trabalhos manuais	Linguee
Tijera	Tesoura	Objeto utilizado para cortar determinados tipos de materiais.	Trabalhos manuais	Linguee